

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA-GDE**  
**ELIETE DA SILVA SALES**

**HAITIANOS EM CONCÓRDIA – RELATOS DE VIDA EM MOBILIDADE**

**Florianópolis**  
**2016**

**ELIETE DA SILVA SALES**

**HAITIANOS EM CONCÓRDIA – RELATOS DE VIDA EM MOBILIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientadora: Doutora Glauca de Oliveira Assis

**Florianópolis**

**2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Sales, Eliete da Silva  
Haitianos em Concórdia - Relatos de vida em Mobilidade /  
Eliete da Silva Sales ; orientadora, Glaucia de Oliveira  
Assis - Florianópolis, SC, 2016.  
62 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.  
Curso de Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1. Estudo e ensino. 3. Imigração haitiana. 4. Relatos de  
vida. 5. Mobilidade. 6. Oeste de Santa Catarina. I. Assis,  
Glaucia de Oliveira. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Gênero e Diversidade na Escola. III. Título.

ELIETE DA SILVA SALES

HAITIANOS EM CONCORDIA - RELATOS DE VIDA EM MOBILIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
obtenção do título de Especialista em  
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Aprovado em 09 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

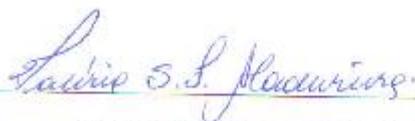


Olga Regina Zigelli Garcia

Banca Examinadora:



Camila Sissa Antunes



Valeria Silvana Faganello Madureira



Ana Paula Casagrande Cichowicz

*A Deus, que me criou, seu fôlego de vida em mim me foi sustento e me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.*

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos e a todas que contribuíram de alguma forma para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Primeiramente a minha mãe, Lourdes Sales, pela educação, sem a qual não conseguiria perseverar dignamente diante dos desafios, por me apoiar incondicionalmente mesmo quando não entendia meus motivos.

Aos meus irmãos, que me ensinaram a ter garra e sempre manter a cabeça erguida.

Ao Carlos Vinicius Sôster meu companheiro, que sempre me apoiou, foi meu alicerce, mesmo quando me trancava no quarto por horas para estudar.

A todos os amigos que fiz ao longo desses dois anos de curso com quem aprendi e me diverti, por todos os choques de opiniões tão enriquecedores durante esta jornada.

Ao pessoal da NIARA pela paciência e acreditar no meu potencial, em especial ao Ary Barreiros, que me ajudou durante todo o tempo, fazendo o elo com os haitianos.

Ao Justin Gracia Brutus, haitiano de sorriso fácil, sem você as pesquisas não seriam possíveis, pelas traduções até por telefone, a todos os imigrantes haitianos e senegaleses que conheci durante este estudo e por todas as histórias que compartilharam.

A todos os professores e professoras do curso de Gênero e Diversidade na Escola, vocês acreditaram neste curso, é o resultado de um sonho sonhado junto.

A minha orientadora Gláucia de Oliveira Assis, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos, mesmo a distância.

À Universidade Federal de Santa Catarina pelas oportunidades de crescimento pessoal, acadêmico e profissional.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os

investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade.

Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

*“Migrar é mais do que ir e vir – é viver em espaços geográficos diferentes... é ser duas pessoas ao mesmo tempo... é viver como presente e viver como ausente. É ser e não ser ao mesmo tempo; sair quando está chegando, voltar quando está indo... é estar em dois lugares, e não estar em nenhum. É até mesmo, partir e não chegar nunca.”*

*(MARTINS, 1984)*

## RESUMO

O recente processo imigratório de haitianos para o Brasil, que se iniciou logo após o terremoto de 2010, gerou nos seus desdobramentos um grande número de haitianos no estado de Santa Catarina, principalmente na região oeste, no período de 2012 a 2014. Levando em consideração esta presença significativa e seus impactos na vida cotidiana da cidade, o presente trabalho apresentará um estudo sobre a imigração haitiana na cidade de Concórdia. O estudo buscará por intermédio de uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfica, em que foram utilizadas como instrumentos para a coleta de informações entrevistas semiestruturadas e observação participante, conhecer a história dessas pessoas através de relatos vividos pelos Haitianos. Pretende-se compreender os motivos que levaram a deixar seu país, suas famílias e migrarem para um lugar onde não conhecem a língua e costumes. A configuração do movimento desses imigrantes na região surge primeiramente com a busca de trabalhadores estrangeiros pelas empresas frigoríficas; mas o fluxo de imigração aumenta na medida em que esse imigrante consegue trabalho e manda buscar familiares que ficaram no Haiti. Como a população de imigrantes aumentou bastante de 2012 até o presente momento, esta pesquisa objetiva apontar as dificuldades que os haitianos locais encontram diariamente na socialização. Diversos estudos revelam que a presença desses imigrantes em nossa sociedade, ainda não despertou no povo brasileiro a grande riqueza intercultural que essa imigração proporciona a sociedade. Aponta-se com isso a importância desse estudo, levar às escolas e instituições as histórias que foram relatadas, para que a comunidade conheça as “expectativas e desencantos” (ASSIS, 2012), que os imigrantes viveram até chegar a Concórdia – SC, e com isso promover a interculturalidade através de uma troca de vivências e experiências.

**Palavras-chave:** Haitianos-SC. Imigrantes. História de vida. Oeste de Santa Catarina.

## ABSTRACT

The recent process of immigration of Haitians to Brazil, which began shortly after the 2010 earthquake, has generated in its unfolds a large number of Haitians in the state of Santa Catarina, mainly in the west from 2012 to 2014. Taking this significant presence into consideration, and its impacts on the everyday life of the city, the present work presents a study on the Haitian immigration in the city of Concórdia. The study seeks through a qualitative research of ethnographic nature, in which were used as instruments for collecting information semi-structured interviews and participant observation, to know the history of these people through stories lived by Haitians. This study intends to understand the reasons that led Haitians to leave their country, their families to migrate to a place where they don't know the language and customs. The configuration of the movement of these immigrants in the region arises primarily with the search of foreign workers by cold storage companies; but the immigration flow increases to the extent that this immigrant is able to work and send for their family members who stayed in Haiti. As the immigrant population has greatly increased from 2012 up to now, this research aims to point out the difficulties that the local Haitians face daily in socialization. Several studies reveal that the presence of these immigrants in our society has not awakened yet in the Brazilian people the great intercultural wealth this immigration provides to the society. This research points out the importance of this study, take to schools and institutions the stories that have been reported, to the community to learn about the "expectations and disenchantments" (ASSIS, 2012), which the immigrants lived, until they arrived in Concórdia – SC, and with this promote interculturality through an exchange of experiences and experiments.

**Keywords:** Haitian-SC. Immigrants. The history of life. West of Santa Catarina.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
BRF	Empresa Frigorífica – Fusão entre Sadia e Perdigão
CCC	Centro Cultural de Concórdia
CONARE	Comitê Nacional para Refugiados
COPÉRDIA	Cooperativa de Produção e Consumo Concórdia
CPF	Cadastro de Pessoa Física
CNIg	Conselho Nacional de Imigração
EaD	Educação a Distância
FACC	Faculdade Concórdia
FNDE	Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação
GDE	Gênero e Diversidade na Escola
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
MAF	Memorial Attílio Fontana
MEC	Ministério da Educação
MINUSTAH	Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti
NIARA	Organização Negra de Concórdia
OIM	Organização Internacional para Migrações
ONG	Organização Não Governamental
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SESI	Serviço Social da Indústria
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
PF	Polícia Federal
VISION	Organização de Haitianos em Concórdia

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	MÉTODO.....	16
3	DOS IMIGRANTES PARA SANTA CATARINA NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX AOS NOVOS IMIGRANTES DO SÉCULO XXI.....	18
3.1	CONCÓRDIA COMO UM LUGAR DE IMIGRAÇÃO NO CONTEXTO DE SANTA CATARINA.....	18
3.2	VISÕES HISTÓRICAS DO HAITI.....	20
3.3	BRASIL: UM LUGAR DE ACOLHIDA PARA OS IMIGRANTES HAITIANOS .	24
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	26
4.1.1	PERCURSO DE ESTUDO SOBRE OS HAITIANOS.....	26
4.1.2	RELATO DOS ENCONTROS.....	28
4.1.3	O PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	32
4.1.4	REFLEXÕES E ANÁLISES DAS HISTÓRIAS DOS IMIGRANTES HAITIANOS.....	33
4.1.5	AS DIFICULDADES DE INSERÇÃO SOCIAL EM CONCÓRDIA: O PRECONCEITO.....	40
4.1.6	RODAS DE CONVERSA E DIÁLOGO INTERCULTURAL SOBRE HAITIANOS EM CONCÓRDIA.....	43
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS.....	51
	<b>APÊNDICES</b> .....	56
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE PESQUISA UTILIZADO NA COLETA DE DADOS.....	56
	<b>ANEXOS</b> .....	59
	ANEXO A – PARADA DE ÔNIBUS EM CONCÓRDIA PICHADA COM PALAVRAS DE ÓDIO E RACISMO.....	59
	ANEXO B – INTEGRAÇÃO ENTRE HAITIANOS E MOVIMENTO NEGRO DE CONCÓRDIA.....	60
	ANEXO C – PROGRAMAÇÃO DA SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA EM CONCÓRDIA.....	61

## 1 INTRODUÇÃO

Conhecer a história de vida por trás das experiências dos imigrantes haitianos que chegaram a Concórdia – Santa Catarina, após terremoto de 2010 no Haiti, é um estudo que nos leva a compreender e entender os motivos que fizeram com que os mesmos abandonassem suas origens para tentarem a vida em outro local. Esse estudo tem como foco principal a reflexão sobre as dificuldades encontradas pelos imigrantes no seu processo de chegada a cidade, principalmente na inserção social.

O espaço de estudo é a cidade de Concórdia, localizada no oeste de Santa Catarina, com aproximadamente 72 mil habitantes, apresenta um IDH - índice de desenvolvimento humano de 0,800<sup>1</sup> e está entre as 10 melhores cidades brasileiras para se viver<sup>2</sup>.

Levando em consideração os dados citados, este estudo busca compartilhar as histórias vivenciadas por imigrantes haitianos inseridos nessa cidade – Concórdia, e entender os principais motivos que levam uma população a imigrar de seu país de origem, Salamani (2011) destaca a fuga da pobreza e da miséria. Assim, de acordo com o citado autor, a imigração é vista como uma possibilidade de melhorar as condições de vida, tanto dos imigrantes como das famílias que permanecem no país de origem.

Já segundo Aragonés (2011), a imigração tem uma estreita relação com o mercado de trabalho. Nessa direção, a gangorra do capital, na medida em que cria e destrói postos de trabalho impulsiona o processo de imigração internacional, definindo os circuitos migratórios da força de trabalho, motivos que ficaram evidentes durante as pesquisas e entrevistas com haitianos locais.

No presente estudo destacar-se-á o processo migratório da população haitiana, que iniciou após o terremoto que atingiu o Haiti em 2010 e levou em conta o bom andamento que o mercado de trabalho nacional se encontrava, colocando o país na rota imigratória de imigrantes que queriam melhores condições de vida para

---

<sup>1</sup> IDH – O Índice de Desenvolvimento Humano municipal varia de 0 a 1 considerando indicadores de longevidade (saúde), renda e educação. Quanto mais próximo de 0, pior é o desenvolvimento humano do município. Quanto mais próximo de 1, mais alto é o desenvolvimento do município. Disponível em <<http://www.deepask.com/goes?page=concordia/SC-Veja-o-IDH-Municipal---indice-de-desenvolvimento-humano---do-seu-municipio>>. Acesso em 02 de novembro de 2016.

<sup>2</sup> Disponível em <<http://www.semprefamilia.com.br/as-10-melhores-pequenas-cidades-do-brasil-para-se-viver/>>. Acesso em 02 de novembro de 2016.

eles e suas famílias (PRONI<sup>3</sup>, 2012).

Este estudo tem como objetivo geral conhecer a trajetória de imigração de haitianos e analisar a partir de relatos como está sendo a socialização na região oeste de Santa Catarina e como objetivos específicos analisar brevemente o contexto histórico do Haiti que leva a imigração para o Brasil; reconstruir as trajetórias de migração dos haitianos para Concórdia; identificar os desafios encontrados na imersão social e relatar situações de preconceito vivenciadas pelos imigrantes neste processo; e promover a interculturalidade através de uma troca de vivências e experiências. Para isso, trará relatos de imigrantes homens, não como uma escolha da pesquisadora, mas dos próprios imigrantes, ato esse que indica não somente traços culturais, mas também aspectos das relações de gênero no Haiti, onde as relações entre homens e mulheres são mais assimétricas e as mulheres participam menos dos espaços públicos, por isso não concederam as entrevistas. Além disso, chegaram mais recentemente e dominam menos o português. O local onde as mulheres haitianas são colocadas em situação de fala são os postos de saúde e nas escolas, onde esta pesquisa não se concentrou.

No capítulo 2, será abordado o método escolhido para a realização desta pesquisa, que foi a qualitativa de natureza etnográfica. Segundo Segovia Herreira (1988), “o método etnográfico tem a finalidade de desvendar a realidade através de uma perspectiva cultural”, perspectiva que ficou em evidência neste estudo. Já o capítulo 3 trará um breve relato da imigração do final do século XIX até a imigração do século XXI; visões históricas do Haiti e o Brasil como um lugar de acolhida para estes novos imigrantes.

O capítulo 4, apresenta e analisa os dados obtidos nesta pesquisa, desde o percurso de estudo até os imigrantes; o perfil dos entrevistados até relatos de cada encontro. Este capítulo problematiza trazendo reflexões e análises das histórias dos imigrantes haitianos, as dificuldades de inserção social e aborda como roda de conversa e diálogo são importantes para promover a interação intercultural entre brasileiros e haitianos.

O quinto e último capítulo trás as considerações finais abordando como este estudo mudou o olhar da pesquisadora sobre o imigrante e principalmente como a

---

<sup>3</sup> Proni (2012) problematiza e nega a noção de pleno emprego nos dados recentes do Brasil e marca que o mercado de trabalho nacional é instável.

escola tem um importante papel de agente transformador e como ela pode ser o meio para promover a interação destas culturas haitiana e brasileira que foram aqui estudadas.

Este curso de especialização em Gênero e Diversidade na Escola – GDE realizado pela UFSC trouxe debates e reflexões nas temáticas das relações sociais de gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnicos raciais, temas que precisam ser discutidos na sociedade atual, e possibilitou a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Dentre estas temáticas oferecidas que nos possibilitaram amplas possibilidades de estudo, o tema escolhido para esta pesquisa não foi gênero, mas sim a diversidade e suas multiplicidades.

Assim, com a intenção de contribuir para o debate acerca do fluxo migratório e a diversidade cultural, o presente estudo traz relatos da vida dos imigrantes haitianos, suas dificuldades para a socialização no oeste de Santa Catarina e todo o processo da chegada desses imigrantes, evidencia também a importância de rodas de conversa e debates para promover a interculturalidade entre imigrantes de diferentes tempos.

## 2 MÉTODO

Esta pesquisa fundamentou-se no método qualitativo<sup>4</sup>, o qual permite estudar diferentes contextos "[...] a vida das pessoas, as experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos [...]" (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 23). É de natureza aplicada, objetiva dirigida a um estudo que se refere à pesquisa de um determinado grupo e suas especificidades, baseia-se no método qualitativo de natureza etnográfica, que tem como finalidade acompanhar o cotidiano dos haitianos em Concórdia, sua forma de inserção e suas dificuldades.

Para está pesquisa qualitativa de natureza etnográfica os principais meios de coleta de informações são entrevistas semiestruturadas usada neste estudo como técnica de pesquisa principal e a pesquisa documental e observação participante que foram usadas como estratégias de pesquisas secundárias.

Segundo Martins e Theóphilo (2007) para a realização da pesquisa etnográfica:

[...] o pesquisador precisa saber ouvir, observar, buscar as informações no campo onde acontecerá a pesquisa, precisa saber o momento certo para interferir, ou seja, perguntar, dialogar e, ao mesmo tempo, ter uma grande responsabilidade sobre a interpretação correta dos dados sobre os grupos investigados. (MARTINS; THEÓFILO; 2007)

Já a pesquisa documental de acordo com Gil (1994) possui como objetivo a análise dos fenômenos sociais e sua relação como o tempo social, cultural e cronológico em que acontecem. Nesse estudo os documentos pesquisados foram jornais online e impressos, artigos acadêmicos, livros, vídeos de documentários e reportagens que abordavam o referido fenômeno migratório e material que está disponível na internet.

Nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro, participei a convite da OnG NIARA, de reuniões em que estavam presentes haitianos e integrantes da comunidade negra de Concórdia. Para a realização desta pesquisa foram entrevistados 5 (cinco) imigrantes haitianos residentes na cidade de Concórdia - SC, que participaram respondendo a questionários com perguntas semiestruturadas

---

<sup>4</sup> A pesquisa qualitativa é basicamente aquela que busca entender um fenômeno específico em profundidade. Em vez de estatísticas, regras, ela trabalha com descrições, comparações, interpretações e atribuições de significados, possibilitando investigar valores, crenças, hábitos, atitudes e opiniões de indivíduos ou grupos. Permite que o pesquisador se aprofunde no estudo do fenômeno ao mesmo tempo que tem o ambiente natural como fonte direta para coleta de dados. As pesquisas qualitativas “[...] pedem descrições, compreensões e análises de informações, fatos, ocorrências que naturalmente não são expressas por números” (MARTINS; THEÓFILO, 2007, p.135).

(apêndice A), que abordam como ocorreu a migração desde a saída do Haiti, até a chegada no oeste catarinense e quais as dificuldades encontradas neste percurso.

Como estratégia de campo foi utilizada a observação participante que segundo Denzin: “[...] é uma estratégia de campo que combina simultaneamente a análise documental, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação direta e a introspecção” (apud LUDKE; ANDRÉ, 2003, p.28), ou seja permitiu que eu, enquanto pesquisadora tivesse um grande envolvimento com os haitianos, grupo estudado para a realização desta pesquisa. Pode-se dizer que a minha observação participante para este estudo foi ativa, pois além de participar, me identifiquei, deixando clara minha intenção nas reuniões, e de como seria esta interação com o grupo de imigrantes haitianos.

### 3 DOS IMIGRANTES PARA SANTA CATARINA NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX AOS NOVOS IMIGRANTES DO SÉCULO XXI

#### 3.1 CONCÓRDIA COMO UM LUGAR DE IMIGRAÇÃO NO CONTEXTO DE SANTA CATARINA

*“Quem não registra não é dono”.*

*(Arlene Renk, 1999)*

Para entendermos a colonização de Santa Catarina, precisamos voltar ao século XIX, na época do Brasil Império, neste período estava acontecendo uma expansão econômica no Brasil, uma expansão ligada a terra, tendo como objetivo lucros, vender as terras para os colonos, expulsando os habitantes locais, ou seja, índios. (Goulart, 2010).

Por volta de 1839, a região oeste de Santa Catarina pertencia ao Paraná e era usada como caminho para o gado do Rio Grande do Sul até São Paulo, preocupados com os nativos locais que não aceitavam esta invasão em seu território, o governo decide “domesticá-los”, manda fazendeiros, escravos, homens pobres e simples vindos do Paraná para colonizar os índios, uma colonização nada amigável, como estavam a serviço da coroa e da bandeira, foram chamados de bandeirantes. Sobre isso Renk (1999) comenta:

[...] conquistar não é um verbo intransitivo. Quem conquista terras, conquista-as de alguém. E de quem era esse chão que a bandeira conquistou? Era dos índios, principalmente dos Kaingang. Como os bandeirantes fizeram para realizar a conquista? A saída foi a seguinte: dividir os índios entre si, joga-los uns contra os outros, e reinar sobre eles. É tão antiga essa história de dividir para governar, mas é tão atual também. Assim, os bandeirantes chamaram uma parte dos índios a “catequese, isto é, foram educados, melhor dito, domesticados, nos moldes dos brancos, para servi-los. Esses eram chamados de mansos e se opunham aos arredios. Além de fornecerem armas de fogo aos mansos, os brancos incitavam o confronto. Mansos e arredios brigavam entre si, e os brancos tomavam uma grande fatia de suas terras [...]. (RENK, 1999, p.6 e 7)

Fica claro, que a intenção não era apenas domesticar os índios, mas sim tomar posse das terras e das riquezas da região. Para legitimar suas ações, o governo cria a Lei n. 601, a Lei de Terras<sup>5</sup>, definindo quais terras seriam

---

<sup>5</sup> Lei de Terras: A Lei de Terras, sancionada por D. Pedro II em setembro de 1850, foi uma lei que determinou parâmetros e normas sobre a posse, manutenção, uso e comercialização de terras no

desocupadas, que em geral foram aquelas que não possuíam registros, ou seja, atingiu diretamente terras indígenas, afinal os índios não tinham documentos, para eles não precisavam, já eram os donos. “as terras que antes eram dos indígenas, foram registradas em nome dos brancos. “Quem não registra não é dono”, esse era o princípio da lei”. (Renk, 2010, p.8).

Como nos lembra a autora citada, os índios não tiveram escolha, ou aceitavam trabalhar para os brancos ou seriam exterminados. Já D’Angelis (1989) sobre isso comenta: “esta lei foi a sistemática extinção de aldeamentos indígenas e a transferência de suas terras ao patrimônio público”. Os índios que não fugiram viraram mão-de-obra barata a serviço dos bandeirantes. Permaneceram aqui escravos e índios “domesticados” e a convivência entre estes dois grupos era amigável.

Vale lembrar, que a história da colonização do oeste catarinense não para por aqui, no século XIX, os governantes baseavam-se no ideal positivista de ordem e progresso, e os imigrantes, principalmente alemães que estavam chegando ao Brasil e se instalando principalmente no Rio Grande do Sul, foram vistos como os homens ideais para levar a civilização a outras regiões, estes imigrantes se beneficiaram da Lei de Terras. Sobre isso:

[...] o governo resolveu “colonizar” o oeste catarinense. Para isso, as áreas de floresta e de campos foram divididas e vendidas aos colonos do Rio Grande do Sul. Esses agricultores eram imigrantes alemães, italianos e poloneses [...] e migraram para colonizar o oeste catarinense. Você já parou para pensar o que é migrar? Migrar é deslocar-se. Vamos por parte. Local é lugar. Logo, os imigrantes locaram, isto é, saíram de um local e estabeleceram-se noutro. [...] E porque esses colonos se deslocavam do Rio Grande para Santa Catarina? A razão é simples: lá não havia mais terras em abundância. O seu preço era muito alto. [...] E quando chegaram aqui como era essa região? Aqui havia índios e brasileiros deslocados. [...] Acontece que índios e brasileiros não tinham papel, não tinham certidão de nascimento, de casamento, nem o tal do alistamento militar. Logo, não existiam perante o governo e tampouco podiam “provar” que um dia foram donos das terras agora do governo: faltava-lhes o tal do “papel”. Lembre-se: “quem não registra não é dono”. (RENCK, 2010. p.10,11 e 12)

Fica claro que mais uma vez os povos originários sofreram com a Lei de Terras, que “possibilitou a colonização planejada, com o intuito de produção da policultura e branqueamento da população brasileira, ignorando os povos originários” (PIOVEZANA, 2010).

Cabe falarmos sobre a ideologia do branqueamento que surgiu naquela

época, a ideia de "embranquecer" o Brasil foi muito bem arquitetada e contou com o apoio dos governantes, que tinham os imigrantes vindos da Europa como modelos a serem seguidos, em seu estudo sobre o assunto Hofbauer (2003) contribui dizendo que: "a ideia do "branqueamento", surgiu como uma espécie de "esperança nacional, já que o fim da escravidão fomentava entre os membros da elite brasileira um sentimento de incerteza diante do futuro". Ou seja, a manutenção dos padrões eurocêntricos na cultura construída no Brasil pós abolição foi determinante para que os brasileiros da época em questão, se sentissem mais atraídos pela ideia de se tornar parte, ou de fazer de seus descendentes parte de outra nacionalidade, ou próximo disso. A ideologia do 'branqueamento' "foi viabilizada por uma série de outras ideologias etnocêntricas e só serviram para lançar as bases do racismo atual, praticado com maior intensidade contra grupos negros e seus descendentes"(HOFBAUER, 2011).

Toda a trajetória da população negra no Brasil foi conduzida pela ótica dominante, que seguia uma ideologia de superioridade racial que acompanhava a escolha de certos grupos para colonizar a região, como se esses grupos fossem detentores da cultura e da civilização, sem reconhecer que os povos que aqui já viviam tinham cultura, modos de vida que foram considerados inferiores e pouco civilizados, o que muitas vezes justificou o preconceito, a discriminação e uma política migratória que permitiu o acesso a terra aos imigrantes, mas não possibilitou o acesso a terra as populações da região.

É neste contexto histórico que chegam os novos imigrantes do século XXI, trazendo seus modos de vida, sua cultura, mas, com objetivos muito semelhantes aos dos imigrantes que vieram no início do século XX e contribuíram para a formação do oeste catarinense – reconstruir as suas vidas e buscar oportunidades. A colonização europeia que não foi amigável com os povos originários da região é a mesma que está recebendo os "novos imigrantes", não podemos esquecer, antes de criticarmos a onda de imigrantes haitianos atual, que nestas terras, somos todos imigrantes.

### 3.2 Visões Históricas do Haiti

As catástrofes naturais que assolaram o Haiti são amplamente divulgadas na

mídia. O que não sabemos, ou melhor, não conhecemos é que este país já foi a “pérola das Antilhas, a menina dos olhos dos franceses e cobiça dos espanhóis” (TAKASCHIMA, 2015). Localizado na América Central, ao sul pelo Mar do Caribe, a oeste pela Baía de Gonaives, ao norte pelo Oceano Atlântico e a leste compartilha a ilha Hispaniola com a República Dominicana, única fronteira terrestre com cerca de 280km de extensão, o território que atualmente corresponde ao Haiti era ocupado por índios arauaques, quando, em 1492, Cristóvão Colombo chegou à ilha Caribenha hoje conhecida como Haiti trazendo grandes mudanças (ASSIS; SILVA, 2016), neste processo de conquista a batizaram de “La Hispaniola”, nestas terras encontraram muita riqueza e solo fértil, que despertou o interesse dos franceses.

O Haiti, muito conhecido como ‘a pérola das Antilhas’, era realmente uma joia entre as colônias. No último quarto do século XVII, era a única colônia que produzia, ao mesmo tempo, açúcar, café, anil, e algodão em grande escala. Suas exportações correspondiam a 40% do PNB da metrópole (França); e seu comércio em 1788, de 42 milhões de dólares, era superior ao dos Estados Unidos. O Haiti contava, nessa época, com 792 engenhos (74.323 hectares), 3.150 anileiras (82.147 hectares), 3.117 cafezais, 789 algodoais (20.321 hectares), 69 plantações de cacau (2.083 hectares), 10.612 hectares de milho, 15.315 hectares de batatas, 9.854 hectares de inhame, 5.877 hectares de sorgo, 7.756.225 de pés de bananeira, 1.278.229 de pés de mandioca. Era tal a riqueza da colônia do Haiti que a França, derrotada pela Inglaterra, preferiu ceder, pelo tratado de Paris (1763), a colônia do Canadá a perder o Haiti (GRONDIN, 1985, p. 53).

Os primeiros franceses desembarcam no Haiti por volta de 1629, encontram neste local, negros originários da África que foram trazidos pelos espanhóis como escravos no período da colonização. Após sucessivas lutas contra os espanhóis chegam até a ilha principal e começam o cultivo de algodão, cacau e ouro, como a produção aumenta e a com uma crescente necessidade de mão-de-obra, os franceses trazem os brancos, vindos da Europa, na situação de endividados, trabalhariam até quitarem suas dívidas, estes foram chamados de *engagés*. (HANDERSON, 2010). É toda esta mistura de povos que faz que com que Haiti seja um país em que seus habitantes consigam falar até quatro idiomas fluentemente, vale ressaltar que mesmo com toda a influencia dos europeus, o francês que era falado pelos senhores das plantações, não superou a dinâmica de *Créole*, língua criada e falada pelos escravos, mantendo vida as tradições originárias do Haiti. Em 1961 o “governo haitiano decretou oficialmente que o Haiti era uma nação bilíngue” (TELÁMAQUE, 2012, p. 17).

Com a Revolução Francesa (1789 – 1799), ocorreram diversos movimentos dos escravos pela independência, que tornaram o Haiti em 1804 a primeira república negra a tornar-se independente. A independência formal fora obtida, mas o imperialismo tinha uma “lição” a dar aos escravos, pobres e negros.

O Haiti sofreu um bloqueio econômico por parte da França, da Inglaterra, da Espanha e dos Estados Unidos, depois de conquistar sua independência em 1804, até terminar de pagar a França indenizações por uma guerra que havia ganhado, e por direitos de liberdade e independência que havia conquistado. Tanto o Haiti como outras ilhas do Caribe foram invadidas várias vezes com base na “Doutrina Monroe” e na política do “Big Stick” pelas forças de ocupação norte-americanas. A ocupação do Haiti, de 1915 a 1934, provocou uma prolongada resistência popular, a repressão a expressões culturais como o vodu, a criação de tensões raciais e transformações culturais importantes. (GRONDIN, 1985, p. 88)

O que impediu o sucesso da Independência Negra no Haiti foram o controle e o poder do imperialismo, “se não pertencesse o Haiti a França, que não pertencesse o Haiti a ninguém” (MAGALHÃES, 2015), ou seja, se o Haiti não fosse capitalista governado por brancos, não floresceria também ali um povo livre.

O resultado foi a inutilização do solo haitiano e após anos de submissão e tendo suas riquezas “saqueadas” por franceses e espanhóis o Haiti passa “da menina dos olhos da França” a colônia mais próspera do mundo, a país mais pobre das Américas. (TELEMÁQUE, 2012, p. 17), estavam livres em um solo estéril, destruído pelas tropas do país que lutaram pela liberdade e sobre o “olhar atento do imperialismo” (MAGALHÃES, 2015).

Sobre isso corrobora Grondin (1985):

O Haiti não é uma “ilha de Robinson Crusóé”. Forma parte ativa de uma rede mais ampla, o que condiciona seu desenvolvimento e, até certo ponto, o define. A cadeia de transmissão de influencia de sistema pode ser composta pela elite e também pelos grupos de poder colonizados, ocidentalizados e voltados para as metrópoles (Estados Unidos e Europa), consideradas como os modelos de cultura e desenvolvimento. A influência vem de forma direta, através de intervenções, programas de desenvolvimento, culturais ou religiosos, ou dos meios de comunicação de massas. Tudo isso é uma condição do sistema capitalista para manter a sua sobrevivência. O sistema que foi imposto no Haiti tende a estender sempre mais seus tentáculos para conseguir maximização dos lucros. Os grandes centros de decisão e de poder se situam no exterior do país [...]. O Haiti continua atado a uma rede de dependência múltipla, a um conjunto de relações de dominação que tem como força motriz o capitalismo em escala mundial. As possibilidades de desenvolvimento no Haiti e sua vida nacional são amplamente condicionadas pela natureza das relações que estabelece no chamado sistema internacional, mas também pela evolução desse sistema, ou seja, das correlações de força que ali se instalaram, se arraigam e se transformam (GRONDIN, 1985, os. 86-87).

Historicamente, é a evolução deste sistema que solidifica a triste situação do

Haiti, marcado por escravidão, disputas de poder entre potências capitalistas, que resultaram na situação que o Haiti se encontra; no país mais pobre das Américas. Segundo Magalhães (2015) “o preço a ser pago pela independência é cobrado pelas potências imperialistas, e o fardo dele incide de forma decisiva nas condições de vida do povo haitiano”.

Em 2010, a população foi estimada em 9.203.083 milhões de habitantes, uma terra dividida, metade estão subnutridos e metade não sabem ler e escrever, são analfabetos, é o que estima a Organização das Nações Unidas. “Para fugir da pobreza, eles migram”. (TAKASCHIMA, 2015). Migrar faz parte da experiência de vida dos haitianos, os principais destinos são: os Estados Unidos, o Canadá, a República Dominicana, a França, a Guiana Francesa e só a partir de 2010 o Brasil se insere nessa rota de migração de um povo que vive uma situação de diáspora. (ASSIS, 2014)

A situação do Haiti foi agravada por um terremoto, o maior da história do continente, de 7.3 graus na escala Richter que atingiu o país em 2010, deixando um rastro de destruição e um número de vítimas assustador, “cerca de 316.000 mortos, 300.000 feridos, 1,3 milhão de desabrigados” (USGS, 2013), agravando os problemas sociais que já afetavam o Haiti. Forças de paz do mundo inteiro se mobilizaram para ajudar os haitianos, enviando auxílio, alimentos, remédios, que não eram suficientes, nem perto do que a população precisava para ter o mínimo de condições humanas para viver, é depois do terremoto que o número de imigrantes aumentou significante, migravam em busca de sobrevivência, por isso que muitos pesquisadores apontam o terremoto como mola intensificadora do movimento migratório dos haitianos (ASSIS; SILVA, 2016).

Outro desastre natural afetou o Haiti em 2012, o furacão Sandy devastou as plantações, causando sérios danos na agricultura e piorando a qualidade do abastecimento de água, favorecendo a disseminação de doenças (TÉLÉMAQUE, 2012).

E para completar neste ano, 2016 o Haiti sofreu mais uma catástrofe, um furacão chamado Matthew passa causando mais destruição e deixando um saldo de 850 mortos e um rastro de destruição material, a proliferação de doenças e a fome, “o conjunto desses fatores deixa a população em uma completa situação de dependência de ajuda humanitária” (ALE KUR, 2016).

Após este breve relato histórico sobre o Haiti, podemos afirmar que o

acúmulo de desastres naturais, somados aos políticos e sociais, levou o país a uma situação de catástrofe humanitária permanente, como aponta Ale Kur:

A situação de extrema pobreza e dependência em que se encontra o Haiti, não é algo que existe desde o início dos tempos ou que seja inerente a existência do país. É o produto de uma série de processos históricos concretos, onde várias potências imperialistas foram responsáveis por saquear o país e deixa-lo no estado de degradação atual. (ALE KUR, 2016)

Para entendermos, a migração haitiana é fruto de uma longa história de opressão e exploração somada a catástrofes naturais, que faz com que a população haitiana seja um povo em diáspora pra vários países, Estados Unidos, França, Canadá, Guiana Francesa e por um conjunto de fatores que veremos a seguir, o Brasil se inseriu nessa rota de fluxos haitianos a partir de 2010.

### 3.3 BRASIL: UM LUGAR DE ACOLHIDA PARA OS IMIGRANTES HAITIANOS

Atingido nos últimos anos por desastres naturais que agravaram a situação do país, o Haiti viu milhares de cidadãos deixarem sua terra natal em busca de melhores condições de vida, aumentando consideravelmente o fluxo imigratório.

O Brasil até o ano de 2010, não era visto como opção de migração para os haitianos, como aponta um levantamento da Organização Internacional para a Migração (OIM, 2010), que revelou que entre 1970 e 2000, a população haitiana no Brasil não ultrapassava 127 indivíduos, quadro que mudou em 2010. (VINENTE, 2015). Em 2015, os haitianos lideraram o ranking de imigrantes que chegaram ao Brasil pelo segundo ano consecutivo, “de acordo com os dados da Polícia Federal (PF) foram 14.535 haitianos registrados em 2015, nem de perto se compara com o pequeno numero em 2011, apenas 481 haitianos deram entrada no país” (VELASCO; MANTOVANI, 2016) – ou seja, houve um incrível aumento.

Embora as razões não estejam bem estabelecidas para a inclusão do Brasil na rota destes imigrantes, cita-se a presença brasileira através da missão de paz da ONU (FERNANDES, 2010), até um suposto convite feito pelo ex - presidente Lula, em fevereiro de 2010 (COSTA, 2012), quando este esteve em Porto Príncipe, junto com outros chefes de estado “não sabemos o real conteúdo deste discurso, entretanto é fato de que esta notícia se disseminou no Haiti e funcionou como um atrativo para que o país passasse a ser visto como uma possibilidade para os que

desejassem reconstruir sua vida fora do Haiti” (VINENTE, 2015).

Na ocasião o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, teria oferecido apoio ao país, inclusive oferecendo guarida aos que desejassem migrar para o Brasil. “De medidas imediatas que o Brasil empreendeu foram o perdão da dívida do Haiti, em US\$ 1,3 bilhão, doação de US\$ 15 milhões e 14 toneladas de alimentos, anunciados na visita do presidente, em 25 de fevereiro a Porto Príncipe” (FERNANDES, 2010).

Faz-se necessário lembrar que a situação econômica do Brasil em 2010 era bem diferente, com uma imagem internacional em evidencia, “tanto na economia quanto na atuação da diplomacia do então presidente Lula” (FERNANDES, 2014), isso somada a grandes eventos esportivos que viriam como a Copa do Mundo de 2014 e olimpíadas de 2016, surgem como fortes motivos para a migração haitiana.

Para Vinente, (2015) o Brasil é também um país pelo qual os haitianos nutrem grande simpatia, pela alegria do povo, pelo colorido e diversidade da cultura, por ser conhecido como um povo acolhedor e principalmente, por conta do futebol, esporte muito popular no Haiti.

Os imigrantes haitianos não são considerados refugiados no Brasil. Segundo a lei brasileira, o visto como refugiado só pode ser concebido a quem provar estar sofrendo perseguição em seu país, por motivos políticos, religiosos ou étnicos. Porém, em razão do terremoto de 2010 que provocou uma crise humanitária, o governo brasileiro abriu uma exceção, dando a estes imigrantes um visto diferenciado. (BAENINGER,2013).

Segundo estudo em conjunto do CNIg – Conselho Nacional de Imigração (2014) e OIM, até o final do ano de 2014 já eram 50 mil haitianos no Brasil. Destes, 75% entraram irregularmente via fronteira do Acre, pedindo refúgio. O estudo também menciona a “cobertura negativa de parte da grande mídia, classificando como —invasão haitiana, criando desconfiança na sociedade brasileira” (CNIg, 2014, p.13). Em concordância com as teorias esposadas nesse trabalho, podemos indagar se as medidas estatais brasileiras não vieram a legitimar em parte essa incitação xenófoba da grande mídia e conseqüentemente da população brasileira, muito presente nos relatos de imigrantes durante pesquisas para este estudo.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

### 4.1.1 PERCURSO DE ESTUDO SOBRE OS HAITIANOS

O percurso de estudo até chegar aos haitianos começou em uma aula presencial do curso de Gênero e Diversidade na Escola – GDE, onde nossa tutora nos questionou sobre qual tema escolheríamos para a realização do trabalho de conclusão do curso – TCC. Quando comentei que gostaria de contar a história de vida dos imigrantes haitianos em Concórdia, a tutora me passou o contato do Sr. Ary Barreiros, presidente da ONG NIARA.

Conforme informações retiradas da internet em sua página oficial de uma rede social<sup>6</sup>, NIARA é uma organização civil de interesse público, vinculada ao movimento negro, que exerce políticas que combatem todo e qualquer tipo de preconceito, segregação, estigmatização e práticas de discriminação racial, possibilitando assim a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Com o foco voltado mais para a situação da população negra em Concórdia e região, a NIARA também presta auxílio aos imigrantes haitianos, senegaleses e ganeses, bem como promove a cultura étnica e defende a conservação do patrimônio histórico e artístico afro-brasileiro, a diretoria é formada por sete membros, estão vinculados a escolas, prefeitura, cultura com atores de grupos teatrais da cidade, mas recebe qualquer cidadão que deseja conhecer e auxiliar na luta do movimento negro na cidade. É uma ONG aberta para promover a cultura e a diversidade.

Depois dessa primeira conversa com o Sr. Ary Junior Barreiros da Silva, 57 anos, natural de Urussanga - Sc, pós graduado em Administração e Desenvolvimento Gerencial, mestre em Direito das Relações Internacionais e Mercosul, professor da Faculdade Concórdia - FACC e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, e presidente da NIARA, fui convidada a participar das reuniões da ONG e assim conhecer um pouco da luta dos negros em Concórdia e também dos haitianos.

Segundo dados pesquisados juntos a esta organização a população negra em Concórdia não ultrapassa os 3%, número que se confirma na pesquisa do último

---

<sup>6</sup> NIARA. Disponível em: <<https://www.facebook.com/oscipNIARA/?fref=ts>>. Acesso em 12 de out. 2016.

Senso realizado em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE<sup>7</sup>, que traça o perfil da população de cada cidade, um número pequeno para uma cidade com aproximadamente 74 mil habitantes. Foi pensando no aumento da população negra, levando em consideração os novos imigrantes haitianos que chegaram em Concórdia, que segundo o Sr. Ary a ONG NIARA foi ao encontro destes imigrantes no início deste corrente ano. É solicitado junto a prefeitura um levantamento do número de haitianos residentes na cidade, a coleta destes dados foi realizada pelos agentes de saúde do município que percorreram os bairros a fim de atualizar o quadro de imigrantes em Concórdia.

Segundo o Sr. Ary, não foi uma pesquisa precisa, pois, estes imigrantes vivem em mobilidade, o que dificulta a coleta de informações. Os dados que a NIARA forneceu para esta pesquisa foram que no momento 280 haitianos trabalhavam na BRF<sup>8</sup>, em torno de 20 na Cooperativa de Produção e Consumo Concórdia – COPÉRDIA e aproximadamente uns 100 haitianos na construção civil e comércio; como são dados do início do ano e de lá até agora já chegaram mais, estima-se que a população de imigrantes haitianos, senegaleses em concórdia, esteja em torno de 500 pessoas.

O primeiro contato da NIARA com os haitianos foi através da BRF que apresentou o haitiano Justin Gracia Brutus<sup>9</sup>, 37 anos, casado, reside em Concórdia há 19 meses e que por ter o domínio da língua portuguesa, serviu de ponte entre a ONG e outros haitianos. A NIARA, segundo seu presidente, abriu as portas para estes imigrantes, deu assessoria tanto jurídica quanto de cunho pessoal, como ajudar a procurar trabalho, rodas de conversa sobre as semelhanças e diferenças das culturas brasileira e haitiana, suporte de tradução quando algum haitiano precisava de auxílio, e hoje este grupo de haitianos está mais forte, até criaram um ONG própria, formada por haitianos, com o objetivo de promover a cultura do Haiti e defender seus direitos, sobre esta organização falaremos mais a frente.

E foi conhecendo esta organização NIARA que cheguei até os imigrantes haitianos e conseqüentemente consegui atingir meu objetivo: a realização deste

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=420430>>. Acesso em 23 nov. 2016.

<sup>8</sup> BRF. Empresa frigorífica, antiga SADIA, criada em 1944, na cidade de Concórdia – SC pelo Sr. Attilio Fontana, nome que foi dado ao museu da cidade, em sua homenagem. (FONTANA, 1980). É o resultado da fusão entre as duas maiores empresas frigoríficas do Brasil: Sadia e Perdigão. Disponível em: <<https://www.brf-global.com/brasil/>>. Acesso em 23 nov. 2016.

<sup>9</sup> Nome fictício. Todas as demais informações são fidedignas.

estudo da imigração haitiana na cidade de Concórdia.

#### 4.1.2 RELATO DOS ENCONTROS

O primeiro encontro aconteceu no MAF – Memorial Atílio Fontana, no dia 15 de maio de 2016, nesse primeiro encontro foi apenas de observação. Estiveram presentes: oito haitianos, todos homens; representantes da BRF – Brasil Foods; advogada da FACC – Faculdade Concórdia; voluntários no trabalho de inserção de haitianos na comunidade; integrantes do NIARA e jornalistas.

Nesse encontro foi possível conhecer o haitiano Justin, citado anteriormente nesta pesquisa. Por ter o domínio da língua portuguesa acaba tomando a frente da comunidade haitiana, e é respeitado no grupo como a voz dos haitianos, é ele que traduz o assunto que será tratado nas reuniões para os outros haitianos, já que a maioria não entende o português, ouvir relatos de situações vivenciadas pelos haitianos e suas dificuldades foi um momento enriquecedor que contribuiu muito para essa pesquisa.

Uma das grandes barreiras para a inserção social desses imigrantes é a língua, por isso a empresa frigorífica Brasil Foods - BRF, por intermédio do seu representante relatou que a empresa através de um convênio com o SESI<sup>10</sup> (Serviço Social da Indústria), estava oferecendo aulas de português gratuitas à noite, mas que poucos haitianos estavam frequentando as aulas, quando foram questionados do motivo, alguns argumentaram que começavam a trabalhar de madrugada e que estavam cansados para as aulas, outros falaram que as aulas eram apenas as gramáticas e não aprender a ler e falar o português, por isso não estavam indo.

Diante dessa dificuldade ficou combinado com os haitianos e a BRF que os horários seriam um pouco mais cedo e que as aulas seriam mais práticas, com o estudo da pronúncia das palavras, e os imigrantes assumiram o compromisso de frequentarem as aulas e indicar para outros haitianos que não estavam na reunião, este foi um dos assuntos discutidos nesta reunião.

Nesse mesmo encontro veio ao nosso conhecimento que o grupo de

---

<sup>10</sup> SESI: Criado em 1º de julho de 1946, o Serviço Social da Indústria tem como desafio desenvolver uma educação de excelência voltada para o mundo do trabalho e aumentar a produtividade da indústria, promovendo o bem-estar do trabalhador. Disponível em: <http://www.portaldaindustria.com.br/sesi/institucional/2012/03/1,1789/o-que-e-o-sesi.html>. Acesso em 02 nov.2016.

haitianos estava criando uma ONG, formada apenas por haitianos com o objetivo de promover a cultura do Haiti e de lutarem pelos seus direitos. A ONG denominou-se VISION e contou com o auxílio da advogada da Faculdade Concórdia - FACC, que se prontificou a dar todo o auxílio jurídico durante o processo de criação. Ainda está em construção esta ONG, principalmente a parte jurídica nos moldes da justiça brasileira, que precisa ser bem explicada para os imigrantes, para que entendam como funciona uma organização não governamental no Brasil. No primeiro momento vai atuar em conjunto com a NIARA, mas com diretoria diferente, e membros haitianos atuantes que queiram participar. Ficou claro neste encontro a alegria destes imigrantes pela criação desta organização, querem ser o suporte para os imigrantes que chegam à cidade, mas também auxiliar os que já estão morando, nas dificuldades de inserção social. Até a conclusão desta pesquisa esta Organização já estava efetiva e trabalhando em conjunto com a NIARA.

Ouvimos também diversos relatos desses imigrantes, traduzidos por Justin, sobre situações de preconceito que o grupo enfrenta e a NIARA se colocou a disposição para auxiliá-los, para contar esses relatos, para que a comunidade saiba o que estava acontecendo.

Terminei esse encontro satisfeita, em perceber que os haitianos estavam felizes em serem ouvidos. E, enfim tinha um grupo de pessoas interessadas em realmente ajuda-los e eles demonstraram interesse em participar desse trabalho de pesquisa, ficou combinado que nos encontraríamos em breve e trocamos telefones.

Após esse primeiro contato, conversamos muitas vezes por mensagens de celular - até nos reunirmos dia 26 de setembro na casa do Justin, esse encontro foi mais informal, pude conhecer o espaço que eles moram, uma casa de madeira, localizada perto da BRF, onde moram em torno de 10 haitianos, as vezes mais, as vezes menos, depende muito da situação, se algum imigrante novo chega é acolhido nessa casa até conseguir se estabilizar. Está casa é alugada pelos haitianos e são eles que pagam o aluguel.

Foi possível perceber que o grupo é bem unido, todos na faixa etária de 20 a 35 anos, conversavam ao mesmo tempo, disputando quem falaria primeiro. Durante esse encontro o Justin, mais uma vez, traduzia todas as falas, até as do entrevistador para que pudessem entender como iria acontecer esse trabalho de pesquisa. As três mulheres que estavam na casa ficaram observando de longe, não interagiram, quando questionei Justin sobre isto, me falou que eram tímidas e que

preferiam que somente os homens participassem da reunião. Além destas mulheres, tinha uma criança de aproximadamente dois anos, filho do Justin e outros seis haitianos, todos homens.

Com ajuda do tradutor, foi explicado que esse trabalho era contar a história deles, o que tinham abandonado, suas dificuldades e conquistas, para que com isso fossem ouvidos. Para facilitar a coleta dessas histórias, foi entregue a eles um roteiro com perguntas semiestruturadas, deixando-os à vontade para participarem ou não desse estudo. O Justin ficou encarregado de ajuda-los com a tradução e facilitar o preenchimento das perguntas, para que assim fossem respondidas.

O terceiro encontro aconteceu a convite do NIARA, dia 10 de outubro de 2016, na sede do Ministério Público Federal. Neste encontro estavam presentes: representantes do NIARA, quatro haitianos, uma haitiana, uma criança haitiana nascida no Brasil e o procurador-geral da República Exmo. Dr. Lucas Aguilar Sette. Esse encontro também foi de observação e tinha o objetivo de levar ao conhecimento da promotoria as dificuldades que esses imigrantes enfrentam todos os dias tais como: difícil acesso a saúde, principalmente mulheres haitianas que necessitam de exames e não estão conseguindo por não entenderem as orientações que são passadas para elas nas unidades de saúde. Também foi relatado situações de preconceito dentro das empresas, as dificuldades em alugar casas, o procurador procurou orienta-los da maneira que entendessem, mas pela dificuldade de comunicação por conta dos idiomas serem diferentes, foi combinado uma palestra com tradução sobre os direitos e deveres dos imigrantes com data a combinar. Foi acertado que a NIARA seria a ponte de comunicação entre haitianos e ministério público, levando ao conhecimento do procurador Exmo. Dr. Lucas, quaisquer situações que denegrira os imigrantes ou que os deixe em situações de humilhações seja por cor ou nacionalidade, para que o ministério público tome as medidas cabíveis e puna os envolvidos. O procurador falou que está a pouco tempo em Concórdia, que não estava por dentro da situação do imigrante haitiano, mas que ia buscar junto com outros colegas que já faziam um trabalho com imigrantes a melhor maneira de ajudar os haitianos nas dificuldades de inserção, se mostrou acessível e se colocou a disposição da NIARA no suporte aos imigrantes.

Outros dois encontros aconteceram, um dia 16 de outubro de 2016 no Centro Cultural de Concórdia – CCC e outro dia 10 de novembro de 2016 no Memorial Attílio Fontana – MAF, no primeiro encontro estavam presentes membros

da NIARA e 5 haitianos, nos reunimos para tratarmos da semana da consciência negra as ações que seriam feitas e as entidades que apoiariam. Ficou combinado que a semana aconteceria de 16 a 20 de novembro de 2016, com palestras em escolas, cinema, apresentações da cultural e culinária afro e haitiana, roda de capoeira e um almoço de confraternização. O representante da BRF que também estava presente comentou que a empresa doaria o frango para o almoço, representantes da capoeira e teatro na cidade fariam a parte artística e os haitianos junto com o Sr. Ary, presidente da ONG fariam as palestras em escolas e entidades. Neste dia era também aniversário do haitiano Justin, que levou bolo para socializar com o grupo e agradecer todo o auxílio que estão recebendo da NIARA, tirou fotos e enviou via celular para a família no Haiti. Compartilhou com a gente a alegria de estar no Brasil e poder ajudar o restante da família.

No segundo encontro citado, estavam presentes haitianos membros da Organização VISION e outros haitianos que eu não conhecia, além de membros da NIARA. Veio ao nosso conhecimento a história de um haitiano chamado Gerard<sup>11</sup>, que nos relatou que não tinha para onde ir, estava há dois meses desempregado e devendo aluguel por conta disto. Contou que a proprietária da casa o expulsou, que já morava há um ano na casa e nunca tinha atrasado, só não pagou os meses que perdeu o emprego, estava inconformado pela dona do imóvel não entender o lado dele. As pessoas presentes se mobilizaram para encontrar um lugar para Gerard passar a noite, ele foi encaminhado para um albergue municipal, no qual poderia ficar até 5 dias sem custo nenhum, foi a única saída encontrada no momento até que a NIARA, junto com seus membros encontrassem um trabalho para este imigrante. Na última vez que perguntei sobre ele para o presidente da OGN afro de Concórdia, Gerard estava morando com um primo e tinha começado a trabalhar em uma empresa do ramo de construção de estradas. Foi o único haitiano que falou claramente durante as pesquisas para este trabalho sobre o desejo de voltar para o Haiti.

Neste encontro fui convidada para uma palestra/roda de conversa na semana da consciência negra, para falar sobre este projeto de estudos e contar as histórias dos imigrantes haitianos a alunos do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, um encontro para promover a interculturalidade, experiência

---

<sup>11</sup> Nome fictício. Todas as demais informações são fidedignas.

única que compartilharei mais a frente.

Durante todo o processo de pesquisa para este projeto de conclusão de curso, as redes sociais, propiciadas pela internet, como whatsapp e facebook estiveram presentes e foram fonte para essa pesquisa. Muitas dúvidas que surgiram na leitura das respostas das entrevistas, traduzidas por Justin foram sanadas por ligações e mensagens curtas de áudio com o tradutor. Enfim, foi um contato diário que promoveu mudanças no olhar do pesquisador sobre os imigrantes haitianos em Concórdia, conhecê-los foi enriquecedor, aprender sobre eles foi uma experiência única que será levada para a vida. Este trabalho foi o começo de uma amizade entre pessoas que não se conheciam, mas que tinham os mesmos objetivos, fazerem com que a sociedade ouvisse os haitianos e os conhecessem a partir dos relatos de suas vidas, desde a saída do Haiti, até a chegada em Concórdia e os desafios que chegaram junto.

#### 4.1.3 O PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Para esta pesquisa foram entrevistados cinco imigrantes haitianos residentes em Concórdia SC. As mulheres haitianas não quiseram participar, argumentando que os homens saberiam relatar melhor as histórias de vida. Todas as vezes que encontrei mulheres haitianas, quem respondia ou falava por elas eram os homens. Este fato pode indicar não apenas um traço cultural, mas um aspecto das relações de gênero no Haiti, onde as relações entre homens e mulheres são mais assimétricas e as mulheres participam menos do espaço público, por isso não concederam as entrevistas, além disso, chegaram mais recentemente e dominam menos o português. O local onde as mulheres haitianas são colocadas em situação de fala são os postos de saúde e nas escolas, onde esta pesquisa não se concentrou. Não estamos desta forma reduzindo a algo cultural, mas tentando explicar como alguns traços culturais podem implicar na desigualdade de gênero.<sup>12</sup> Os entrevistados desta pesquisa são:

- Benjamin Petiote, 26 anos, está no Brasil há 23 meses, tem ensino médio e tem o sonho de cursar uma universidade, no momento trabalha na BRF, na linha de produção, é natural da cidade de Delmas, solteiro,

---

<sup>12</sup> Mulheres invisíveis no Brasil. Texto complementar para esta pesquisa. Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/mulheres-invisiveis-nao-tem-vaga-para-haitiana-so-para-brasileira/>. Acesso em 30 nov. 2016.

deixou um filho no Haiti;

- Kevin Pierre, 32 anos, está no Brasil há 3 meses, tem ensino médio completo e no momento está desempregado, é natural de Gonaives, solteiro, veio para o Brasil para morar com o irmão;
- Justin Gracia Brutus, 37 anos, está no Brasil há 19 meses, tem formação superior completa em administração, mas no momento trabalha na BRF no setor das aves; é natural de Porto Príncipe, casado, veio para o Brasil encontrar a esposa que veio 6 meses antes, deixou 2 filhos no Haiti e agora já tem um outro filho nascido no Brasil, o Thomas de 1 ano e 5 meses.
- Robert Joseph, 33 anos, está no Brasil há 6 meses, tem curso técnico em administração, mas no momento está trabalhando na construção civil, natural de Leogane, solteiro, veio para o Brasil trabalhar e sonha em trazer sua família para o Brasil;
- Sonel Pierre, 36 anos de idade, está no Brasil há 1 ano, tem formação superior, é professor de matemática, no momento não está trabalhando; é natural de Jacmel, solteiro, já trouxe seu irmão do Haiti, quer trazer toda a família;

Por uma questão ética da pesquisa e por se tratar de um grupo pequeno, as identidades dos haitianos entrevistados serão preservadas, utilizando nomes fictícios. Todas as demais informações são produtos das entrevistas e da observação de campo. As perguntas semiestruturadas usadas para essa pesquisas estão em apêndice A, quatro das 5 entrevistas foram traduzidas pelo haitiano Justin Gracia Brutus que também participou deste estudo.

#### 4.1.4 REFLEXÕES E ANÁLISES DAS HISTÓRIAS DOS IMIGRANTES HAITIANOS

*“[...] antes de julgar alguém, tem que conhecê-lo, seu original, sua história e cultura [...].”*

*(Justin, imigrante haitiano)*

As experiências de um grupo étnico particular em seu novo lugar de destino é um componente importante e necessário à história da migração.

Para Thomson (2002), as mudanças dentro de comunidades étnicas de cultura dominante que ocorrem em decorrência da chegada de imigrantes, são motivos para registro e publicação, ou seja, precisam ser contadas e constarem em registro. O objetivo desta reflexão que segue é buscar conhecer de uma maneira geral, social e populacional os haitianos entrevistados, sem a ambição de uniformizar os resultados deste grupo pesquisado, visa também levantar dados para uma análise da chegada destes imigrantes ao Brasil e principalmente como estão inseridos socialmente e economicamente no município de Concórdia, campo deste estudo. Para que isso realmente aconteça segue uma reflexão a partir dos questionários que os imigrantes haitianos responderam, relatando suas histórias.

As falas dos entrevistados desta pesquisa apontam para uma estreita relação entre crise política, social, econômica e as catástrofes naturais como motivos para a imigração desta população para outros países. Como afirma o entrevistado Benjamin:

*“Eu vim aqui para o Brasil pra que meu país tinha uma crise política, econômica e social. As instituições não podiam funcionar bem. Veio o terremoto, acabou tudo [...]. Por isso, eu decidi entrar aqui o Brasil, para conseguir com as minhas atividades ajudar a melhorar meu país”.*

Sobre isso o entrevistado Sonel, 36 anos de idade também expôs: *“saí da minha cidade por causa das desgraças naturais, não tem trabalho, tudo muito difícil, família passando fome [...]”.*

Corroboram com esses relatos, os estudos de Marinucci e Milesi (2012) que apontam como principais causas relacionadas ao fenômeno migratório as catástrofes naturais e os problemas ambientais. Assim, “[...] a imigração caracteriza-se como a única alternativa de sobrevivência” (BOM TEMPO; SPOSITO, 2010, p.59).

No sentido do que menciona o entrevistado Benjamin, os demais haitianos dizem que a condição de vida no Haiti piorou após o terremoto. Nessa perspectiva, Moraes, Andrade e Matos (2013) confirmam quem em decorrência dessa catástrofe mais o acréscimo das péssimas condições de vida da população no Haiti, o sistema político desse país “(...) encontra-se desorganizado, a economia destrocada e a população desnutrida, padecendo com a rápida disseminação do vírus da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS e da bactéria *Vibrio cholerae*, a cólera” (MORAES; ANDRADE; MATOS, 2013. p.100). Este triste quadro é compreendido por estes autores como a alavanca para a imigração desta população, sendo que

segundo dados do relatório da Organização Internacional para as Migrações - OIM (2014) entre 10% e 30% da população haitiana já teria abandonado o seu país. (MAGRO e RISSON, 2015).

Entre os principais destinos dos imigrantes haitianos estão Canadá, Estados Unidos da América, França (MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013). O Brasil não estava na rota como uma primeira opção para os imigrantes haitianos, mas foi à possibilidade de trabalho que motivou os entrevistados a virem para o Brasil, sobre a viagem e suas dificuldades o entrevistado Kevin relata: *“a viagem para o Brasil não foi boa, porque eu não entrava legal aqui no Brasil. Daí eu sou em refugiado, um imigrante Haitiano. A viagem durou 5 dias para chegar aqui no Brasil, custa muito caro, cerca de US\$ 1,350 (mil trezentos e cinquenta dólares)”*. Se for convertido em reais, este valor ficaria em torno de R\$ 4.638,00 (quatro mil, seiscentos e trinta e oito reais), levando em consideração o valor do dólar hoje, dia 15 de novembro de 2016<sup>13</sup> que se encontra em torno de R\$3,45 (três reais e quarenta e cinco centavos), valor relativamente alto considerando a situação financeira destes imigrantes.

Alguns dos entrevistados seguiram o mesmo trajeto dos haitianos que chegaram a partir de 2010, deixaram o país através de um voo entre sua capital, Porto Príncipe, e a cidade de Quito no Equador e de lá seguiram de ônibus até o Acre, do Acre a São Paulo e de São Paulo a Concórdia. Neste sentido os primeiros fluxos de haitianos em Concórdia se assemelha ao fluxo geral de haitianos no Brasil. Como menciona Patarra:

O processo de entrada desses imigrantes em território brasileiro é semelhante na quase totalidade dos casos. A viagem começa em Porto Príncipe ou na República Dominicana, e por via aérea chegam a Lima, Peru, ou em Quito, no Equador, países que não exigiam visto de entrada para os haitianos. Destas duas cidades partem por via terrestre em uma viagem que pode se estender por mais de um mês, ao longo do percurso eles vão alternando trechos percorridos em ônibus e barcos. (PATARRA, 2012, p. 13-14)

A viagem longa que se refere o autor é até a fronteira do Brasil com o Peru, nos Estados Unidos do Acre e do Amazonas. Estes imigrantes entraram no Brasil deslocando-se de ônibus de Quito até a fronteira do Peru com o estado do Acre, mas alguns imigrantes vieram de avião do Haiti para São Paulo, conforme relatou um dos entrevistados: *“saí de Porto Príncipe no Haiti de avião direto a São Paulo, lá peguei outro avião e vim para Chapecó, depois ônibus até Concórdia”*, relata Sonel.

<sup>13</sup> Dados disponível em: <http://www.dolarhoje.com.br/>. Acesso em 15 nov. 2016.

Demonstrando com isso que a principal rota de chegada dos imigrantes ao Brasil está se modificando, levando em consideração que dois dos 5 entrevistados seguiram esta rota, já os outros três entraram via estado do Amazonas. Confirmando com isso a regra geral dos haitianos no Brasil.

Os principais pontos de entrada no Brasil são as fronteiras do Peru com os estados do Acre e da Amazonas. Ao chegarem na fronteira, estes imigrantes apresentam uma solicitação de refúgio, alegando as péssimas condições de vida no Haiti e a impossibilidade de se continuar vivendo naquele país após o terremoto. Sendo o Brasil signatário das convenções para o acolhimento de refugiados, as autoridades na fronteira registram estas solicitações e as encaminha ao órgão competente: o Comitê Nacional para Refugiados – CONARE, do Ministério da Justiça, para análise. Enquanto aguardam a tramitação do pedido de refúgio, os imigrantes recebem uma documentação provisória (Cadastro de Pessoa Física – CPF e Carteira de Trabalho) que lhes permite circular pelo país na busca pelo trabalho. (PATARRA, 2012, p.140).

Os haitianos residentes em Concórdia não fogem a esta lógica, a maioria deles chegou ao Brasil em situação irregular, isto é, indocumentado, sem os documentos necessários a fixação de um estrangeiro no país, dados que ficaram bem evidentes durante relatos dos imigrantes nos encontros promovidos pela NIARA, registrados pela observação participante e usados como base para esta pesquisa.

Os dois imigrantes que chegaram ao Brasil documentado tiveram como destino a cidade de São Paulo, isso só foi possível com a resolução do Conselho Nacional de Imigração – CNIg<sup>14</sup>, que concedeu visto humanitário a estes imigrantes, modificando a rota de entrada terrestre via estado do Acre e possibilitando a entrada via aérea pelo estado de São Paulo. Justin, de 37 anos de idade é um desses imigrantes, entrou no Brasil com visto de permanência, obtido na Embaixada Brasileira em Santo Domingo, viajou diretamente de Santo Domingo a São Paulo, com escala no Panamá. De lá se dirigiu a Concórdia, aonde sua mulher, que viera antes a cidade, o esperava. Morando há quase dois anos no Brasil é pai recente de um menino, nascido no Brasil e está trabalhando na empresa frigorífica BRF para trazer seus outros dois filhos que ficaram com os avós no Haiti. *“estou juntando dinheiro, preciso de R\$6,490.00 (seis mil reais e quatrocentos e noventa reais), para trazer meus outros filhos e ainda tentar conseguir autorização do governo para que viagem sozinhos, porque não tenho como pagar a passagem de um adulto para vir junto”*, relata Justin.

---

<sup>14</sup> Dados disponíveis em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/08/concessao-de-visto-humanitario-para-haitianos-e-prorrogada>. Acesso em 30 nov. 2016.

Na direção do que menciona o entrevistado Justin, os outros imigrantes também relatam envios de remessas mensais para as famílias que ficaram no Haiti e apontam a saudade da família e dos amigos como umas das grandes barreiras a serem vencidas para conseguirem se adaptar e reconstruir a vida no Brasil como afirma o entrevistado Sonel: “[...] *o que mais sinto falta é da minha família, meus planos é trazer minha família aqui no Brasil, mas é difícil o procedimento para trazer a família. Muitos papeis. Mas preciso deles aqui. Sem eles sou nada*”. Sobre isso Magalhães (2014), em seus estudos sobre imigrantes haitianos em Balneário Camboriú – SC corroborou:

O envio de remessas indica a manutenção dos laços afetivos e materiais com a família, ao passo que guarda íntimas relações com a dedicação ao trabalho, o nível de poupança e consumo e a estratégias econômicas familiares.[...] na mediação da saudade com a busca por uma vida melhor, Clarkson se vê entre o desejo de voltar ao Haiti em 2015 para visitar seus pais, o compromisso com envio de remessas e a ajuda financeira para comprar passagens para que seus irmãos também venham morar e trabalhar em Balneário Camboriú. Sem saber, Clarkson é um agente ativo das redes sociais dos imigrantes haitianos na cidade (MAGALHÃES, 2014).

Sobre a escolha da cidade de Concórdia para viver todos os entrevistados são unânimes em dizer que escolheram por indicação de algum amigo ou familiar, confirmando a importância das redes sociais para a migração internacional, que comenta o autor acima citado. As redes sociais representam hoje um fator determinante para a escolha da cidade, assim como observa Assis (2011) no caso da migração de brasileiros para os Estados Unidos, as redes sociais são importantes para compreendermos como os imigrantes chegaram a Concórdia, através das informações de amigos, parentes e conterrâneos que fornecem as informações necessárias aos imigrantes. “Os amigos e parentes que já migraram dão referências positivas do lugar aqueles que ficaram, os incentivando a migrar e construindo uma rede de relações sociais e laborais na qual o imigrante se inserirá” (MAGALHÃES, 2014), ou seja, a cidade pesquisada foi escolhida pelos imigrantes entrevistados por oferecer uma rede social já formada, possibilitando hospedagem e ajuda inicial quando aqui chegaram, além da tranquilidade e a mão-de-obra nas empresas frigoríficas da região.

Observa-se com isso que o que motivou esses imigrantes foi à possibilidade de trabalho rápido, mas que durante as pesquisas para este estudo, fica claro que na realidade esse “trabalho rápido não existe”, muitos haitianos residentes em Concórdia estão desempregados, contando com auxílio de amigos que estão

trabalhando de carteira assinada, ou seja, quando os imigrantes vieram para o Brasil entre 2010 e 2012, a situação econômica era diferente, as empresas estavam contratando, existia uma alta procura de mão-de-obra, vivíamos em pleno emprego, mas agora que estamos vivendo uma crise econômica, com um elevado índice de desemprego<sup>15</sup> os primeiros que sentiram o reflexo desta atual crise são os trabalhadores migrantes.

O entrevistado Kevin, 32 anos de idade desabafa: *“estou desempregado, a BRF diz que ta contratando, mas quando chego lá, não contratam mais haitianos, não tem como viver assim. [...] de favor de outras pessoas”*. Levando em conta os relatos semelhantes de outros haitianos, percebe-se que a situação de emprego mudou, de 2011 a 2014, as empresas frigoríficas da região buscavam mão-de-obra haitiana no Acre já que algumas das funções dentro destas empresas os brasileiros não querem mais executar, “[...] sobram vagas, os brasileiros não querem mais executar, por vários motivos, dentre eles: aumento da escolaridade, capacitação qualificada na região [...]” (BORDIGNOM e PIOVEZANA 2015), ou seja, empresários foram buscar mão-de-obra haitiana, para suprir as lacunas deixadas por brasileiros, em troca ofereciam como benefício moradia e auxílios. Para o entrevistado Sonel que está desempregado, a situação não está favorável: *“foi a campanha(empresa) Globo Aves (Empresa frigorífica da região) que foi buscar eu no Acre, mas agora a campanha fechou. Então escutei que a BRF tem vagas, então eu cheguei em Concórdia, mas ainda não consegui trabalhar”*.

Segundo integrantes da ONG NIARA que após ouvir diversos relatos semelhantes de imigrantes haitianos sobre a referida empresa, procuraram ouvir a versão da empresa BRF, que segundo eles, “apenas relata que não estão contratando ninguém, nem brasileiro, nem imigrantes em decorrência da crise econômica atual, mas que nunca agiram com preconceito em relação a imigrantes ou escolheram trabalhadores pela cor”, declarou o representante da empresa. Para que seja averiguada, tanto a versão dos imigrantes, quanto da empresa citada, foram levadas ao procurador-geral da república Exmo. Dr. Lucas Aguiar Sette as informações colhidas para que seja feita uma investigação mais detalhada sobre as causas da não contratação de imigrantes no momento. Segundo o procurador: “caso

---

<sup>15</sup> A taxa de desemprego no Brasil em junho de 2016 subiu para 11,3%, ou seja 11,6 milhões de brasileiros estão procurando emprego. Disponível em <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/economia/1469802574\\_842001.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/economia/1469802574_842001.html)>. Acesso em 24 de nov. 2016.

haja confirmação de discriminação, será tomada as providencias punindo os culpados como rege a lei brasileira” que também defende estes imigrantes como qualquer outro trabalhador, está reunião com o procurador aconteceu dia 10 de outubro de 2016, sobre a mesma já foi falado detalhadamente no tópico *relato dos encontros*, desta pesquisa.

Em uma das minhas observações participantes entre NIARA e haitianos, ouvi relatos de um outro imigrante que reforça o desabafo dos imigrantes que participaram da pesquisa e estão desempregados, Bildad Sauveur<sup>16</sup>, 29 anos relata:

*“quando vim para Concórdia, comecei a trabalhar na BRF como intermediário da empresa, [...] fui várias vezes com meu chefe no Acre buscar haitianos, porque sou o único que escrevo e entendo o português, então eu traduzia tudo, [...] hoje não trabalho mais lá, to na construção civil, me valorizam mais aqui. [...] os haitianos ficaram sem apoio na BRF, ninguém pra traduzir os documentos, pra ajudar. Tive que sair, estou bem melhor assim, posso crescer nessa empresa”.*

Muitos dos haitianos que relataram suas histórias apresentam situações semelhantes, querem sair das empresas frigoríficas e procurar trabalho que condiz mais com seus estudos, querem oportunidades de crescimento dentro das empresas e não sentem que estão sendo valorizados, como afirma o entrevistado Lógico: *“eu me sinto mais ou menos valorizado no trabalho, porque não me trataram bem, falta de sensibilidade. Falta possibilidade de crescimento”.* Complementando, Magro e Risson (2015) citam em seus estudos que a “precariedade dos postos de trabalho ocupados pelos haitianos”, é o principal motivo das rotatividades destes imigrantes dentro das empresas, aliado ao baixo salário oferecido.

Fica claro que ao buscar estes imigrantes no Acre, as empresas resolveram de imediato o problema da mão-de-obra que havia entre 2010 e 2012, mas que foi uma situação temporária, pois em nenhum momento levou em consideração os problemas que surgiram após a chegada destes imigrantes, como a atual crise econômica que modificou o cenário de emprego brasileiro e deixou muitos destes trabalhadores migrantes desempregados. Os imigrantes tiveram que lidar com a precariedade de trabalho, destacados em vários estudos como de Moreira e Junior (2015) e Dal Magro (2012), com falta de oportunidade de crescimento dentro das empresas (MAGRO; RISSON, 2015) e agora com uma crise política e econômica, ou seja, saíram em busca de melhores condições de vida do Haiti e estão encontrando diversos problemas para realizar o sonho de ajudar a família, em todos os quadros

---

<sup>16</sup> Por uma questão ética da pesquisa o nome usado é fictício, as demais informações são fidedignas.

apresentados é sempre o trabalhador migrante que sentiu, sente e sentirá o maior impacto e sofrerá na pele as consequências, como ter que abandonar o Brasil, procurar outro país para morar ou até voltar para o Haiti, como mostra uma reportagem publicada no dia 19/08/2016, no Jornal Dia a Dia da cidade de Brusque - SC<sup>17</sup>, que relata que mais da metade dos imigrantes que residiam naquela cidade, já foram embora confirmando que “as crises política e econômica que afetam o Brasil, a falta de adaptação e também a saudade do país de origem são os três elementos principais para a debandada”. Nesse sentido faz-se necessário um olhar mais atento das políticas públicas, que realmente seja criada uma política para cuidar deste trabalhador migrante, não adianta o Brasil ter aberto suas portas para estes imigrantes em 2010 e agora simplesmente os abandonar, não oportunizando condições de permanecerem em solo brasileiro até a crise se estabilizar. Somos responsáveis por estas pessoas no momento que as acolhemos, não são objetos para serem descartáveis ou mandados de volta para o Haiti.

Na cidade de Concórdia – SC, a NIARA está fazendo sua parte, procurando nas redes sociais de seus membros, oportunidades de emprego para trabalhadores haitianos que desejem permanecer na cidade, “procurando recolocar no mercado de trabalho haitianos que perderam seu emprego”, afirma Ary Barreiros, presidente da ONG, isto pode ser visto como pouco, mas se cada um fizer a sua parte e ter um olhar mais humano sobre o outro com certeza fará a diferença na vida de alguém, principalmente destes imigrantes que já sofreram muito e só querem trabalhar dignamente e ajudar suas famílias no Haiti.

#### 4.1.5 AS DIFICULDADES DE INSERÇÃO SOCIAL EM CONCÓRDIA: O PRECONCEITO

Quando questionados sobre as dificuldades que encontram para a socialização, fica evidente que a principal barreira é o idioma e a dificuldade de se comunicarem, depois relatam que sofrem muito com o preconceito. Para entendermos porque esse preconceito fica tão evidente, precisamos levar em consideração que o “estado de Santa Catarina é o estado brasileiro com maior

---

<sup>17</sup> Reportagem na íntegra disponível em: < <http://municipiomais.com.br/crise-faz-imigrantes-haitianos-deixarem-brusque-em-busca-de-oportunidades-em-outros-paises/>>. Acesso em 25 nov. 2016.

números de pessoas que se declaram brancas, cerca de 84% segundo o censo<sup>18</sup> do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas”.

A cidade de Concórdia não foge a essa regra, a população é predominantemente branca e apresentam situações de preconceito como o que aconteceu em uma parada de ônibus na cidade, foi pichada com frase de ódio e racismo que dizia: “fora gorilas haitianos de Concórdia<sup>19</sup>” (RADIO CATARINENSE, 2016).

Sobre o assunto o entrevistado Justin desabafa:

*“as dificuldades encontradas na cidade são as seguintes: racista, não dá valor aos estrangeiros. [...] eu me sinto mais ou menos bem morando aqui pra que tem exclusão social na cidade. [...] eu já sofri tipo de preconceito, se chego no transporte público e vou sentar a pessoa branca que está sentada levanta, se ligo pra alugar casa, falam que ta pra alugar, mas quando chego e eles veem que é haitiano me dizem que já foi alugada. [...] acho que isso acontece porque não conhecem a gente, mas eu sei quem é eu, muito orgulho em ser haitiano e o primeiro povo negro a ser livre na história e somos muito inteligentes também. [...] antes de julgar alguém tem que conhece-lo, seu original, sua história e sua cultura”.*

Este desabafo evidencia os objetivos desta pesquisa, levar ao conhecimento da sociedade local as histórias destes imigrantes, promover a interculturalidade, levando a uma reflexão sobre nosso papel enquanto sociedade formada em sua grande maioria por imigrantes europeus como já foi citado anteriormente. Cabe aqui uma reflexão, como estamos tratando os novos imigrantes deste século? Foi desta maneira que fomos recebidos na região há tempos atrás?

Observa-se que as necessidades apontadas pelos imigrantes haitianos são, em sua maioria de ordem econômica e social, não estão pedindo mais do que direitos concedidos a qualquer brasileiro, querem trabalhar, crescer, serem reconhecidos pelas suas origens, terem acesso á saúde, alimentação e moradia. Dos cinco entrevistados, apenas um relatou desejo de voltar para o Haiti, eles entendem que o momento atual no Brasil não está muito favorável para imigrantes, mas, mesmo assim, se encontram em melhores condições do que se estivessem no Haiti, como relata reportagem publicada online pelo Clic RBS em 19/08/2016<sup>20</sup> que

<sup>18</sup> Censo Democrático é uma pesquisa feita pelo IBGE a cada dez anos, que mede a densidade populacional e o perfil da população brasileira. Disponível em <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em 15 nov. 2016.

<sup>19</sup> Anexo A. Reportagem na íntegra disponível em: <http://www.radiocatarinense.com.br/index.php/2016/06/08/fora-gorilas-haitianos-de-concordia-diz-frase-escrita-em-parada-de-onibus/>. Acesso em 02 nov. 2016.

<sup>20</sup> Reportagem na íntegra disponível em:

aponta que para fugir da crise econômica no Brasil, os imigrantes estão abandonando o país, muitos deles partem com destino ao Chile ou Estados Unidos.

Como citado anteriormente, os haitianos estão organizando uma ONG em Concórdia, formada por imigrantes e todos os entrevistados fazem parte desta organização, intitulada “Vision”. Ao serem questionados sobre seus projetos e sonhos, são unânimes em falar com orgulho que esta organização é a realização de um sonho. Para eles, a associação será um meio de serem ouvidos, de terem seus direitos, de serem vistos na sociedade, uma ferramenta de luta, mas também de divulgação da cultura haitiana. Sobre isso comenta o entrevistado Justin:

*“existe um grupo de haitianos em Concórdia, se reúnem quase todos os dias pra se organizar e pra compartilhar suas ideias, pensando sobre todos os problemas que se encontram aqui na cidade, tentando trazer uma solução ideal [...], nós não temos ajuda dos governos, só do Ary (presidente da ONG NIARA) [...] é difícil, só não dá pra desistir, vamos mostrar o lado bom do Haiti e nossa cultura”.*

Neste caminho, promover o diálogo intercultural para compreensão das diferenças culturais é a melhor maneira de fazer o outro aceitar, respeitar e conhecer o diferente, não existe melhor ou pior, mas todos são partes de um todo, cada indivíduo com as suas peculiaridades. Para Kuper (2012), “a cultura é o conjunto de manifestações que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a língua, a moral, os costumes, os comportamentos e os hábitos e aptidões adquiridas por pessoas que fazem parte de uma sociedade específica”, ou seja, a cultura é um acúmulo de bagagens de cada pessoa e vai passando de geração em geração, transformando, se adaptando de maneira a enriquecer e melhorar a convivência das novas gerações com diferentes culturas.

Para melhor clareza e como complemento desta fala segue o conceito de Hall (2001):

A cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma arqueologia. A cultura é uma produção. Tem sua matéria prima, seus recursos, seu trabalho produtivo. Depende de um conhecimento da tradição enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto afetivo de genealogias. Mas o que esse “desvio através do seu passado” faz é nos capacitar a nos produzir a nós mesmos de novo, com novos tipos de sujeitos. Portanto não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais em qualquer forma acabada, estão a nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, se ser, mas de se tornar. (HALL; 2001. p. 43).

Enriquecendo este caminho encontramos outro conceito que se encaixa perfeitamente dentro dos objetivos que se propõem este estudo:

Os “outros”, os diferentes, muitas vezes estão perto de nós, e mesmo dentro de nós, mas não estamos acostumados a vê-los, ouvi-los, reconhece-los, valorizá-los e interagir com eles. Na sociedade em que vivemos há uma dinâmica de construção de situações de apartamento social e cultural que confinam os diferentes grupos socioculturais em espaços diferenciados, onde somente os considerados iguais tem acesso. Ao mesmo tempo, multiplicam-se as grades, os muros, as distâncias, não somente físicas como também afetivas e simbólicas entre pessoas e grupos cujas identidades culturais se diferenciam por questões de pertencimento social, étnico, de gênero, religioso, etc. (CAUDAU apud MOREIRA E CANDAU, 2011, p. 31)

É com esse pensamento que está reflexão acerca de histórias de vida de haitianos em Concórdia finaliza, mas mantém firme o objetivo de promover a interculturalidade destas culturas citadas. A região oeste de Santa Catarina é conhecida pelas festas típicas alemãs e italianas com toda a alegria e cor de cada país e isso reflete na cultura da sociedade concordiense, pois é a “bagagem que cada um herdou de imigrantes passados que aqui colonizaram. Então porque não promover um enlaçamento desta cultura com a cultura haitiana?

#### 4.1.6 RODAS DE CONVERSA E DIÁLOGO INTERCULTURAL SOBRE HAITIANOS EM CONCÓRDIA

Para que este enlaçamento das culturas brasileiras e haitianas aconteça, faz-se necessário apresentar a cultura haitiana, promover espaços de interculturalidade dentro das escolas, instituições.

Com este objetivo que a ONG NIARA, realizou no dia 25 de abril deste ano, no Centro Cultural Concórdia – CCC, uma roda de conversa com os haitianos, (fotos acervo pessoal, em anexo B), segundo relato do presidente da Organização Sr. Ary Barreiros “foi um momento muito importante para a NIARA”, compareceram em torno de 60 haitianos, sentiram que não estavam sozinhos, “tinha um grupo que queria ajudar”. Neste dia foram apresentados os integrantes da NIARA que se colocaram a disposição na inserção social dos imigrantes, e ficou combinado em outro momento, um encontro para que os haitianos apresentassem a cultura do Haiti para a comunidade local.

Este encontro aconteceu no Memorial Atílio Fontana – MAF, no dia 15 de maio de 2016, um domingo diferente, em parceria com os haitianos, para promover a cultura do Haiti, danças, músicas e comidas típicas, conforme relatou o presidente da ONG NIARA: “foi um dia muito especial, podemos conhecer um pouco do Haiti e perceber que a cultura haitiana se assemelha muito com a cultura africana, principalmente nas cores e ritmos”. Foi uma programação aberta para a população, mas segundo relatos dos membros da NIARA: “poucas pessoas compareceram, quem foi mesmo era porque tinha algum envolvimento com o grupo NIARA e seus familiares”. Após um balanço do número de participantes do evento, “entendeu-se à necessidade de promover muitos encontros semelhantes, divulgar nas mídias locais, instigar a curiosidade da população para a cultura haitiana”, desabafou o Sr. Ary durante estudos de observação participante das reuniões da NIARA.

Não é uma tarefa fácil, promover esta troca de culturas e vivências, temos medo do que não conhecemos. Sobre a cultura haitiana Takaschima (2015) em seu estudo sobre a história dos imigrantes haitianos em Santa Catarina comenta:

Eles têm a pele preta e reluzente, como se banhassem a óleo. [...] Os olhos em forma de amêndoas brilhantes observam o entorno com desconfiança. Quando estão seguros, contraem os lábios grossos e revelam um sorriso com dentes brancos. Essa gente de riso frouxo e conversa fácil, dança no seu ritmo, o kompa e conversa a sua religião, o vodu. (TAKASCHIMA, 205, p. 03).

Como aqui no Brasil, o Haiti foi colonizado por diferentes povos, cada qual deixando um rastro de cultura e costumes inserido na cultura do Haiti, como o vodu, herança africana, mas neste estudo fica evidente que o grupo de haitianos de Concórdia é formado em sua maioria por haitianos que se intitulam evangélicos, são facilmente vistos, principalmente aos domingos com roupas sociais, bíblia no braço se dirigindo a alguma denominação evangélica. Dos cinco haitianos entrevistados, todos se dizem evangélicos, frequentadores assíduos de alguma igreja.

Quando questionados sobre os costumes que algumas igrejas evangélicas possuem, como por exemplo, não permitir que seus membros tomem qualquer bebida com teor alcoólico, o entrevistado Justin comenta: *“aqui na igreja não bebem, mas nós bebemos às vezes, tudo com moderação”*. Não fica claro se as religiões evangélicas no Haiti possuem costumes um pouco diferente ou se é a maneira que os entrevistados interpretam os costumes das igrejas que muda a conduta destes em relação a bebida alcoólica e até mesmo as danças, muito presentes nos encontros com os haitianos. Corroborar com esta fala o estudo Travessia de

Takaschima (2015) que revela que “aproximadamente 90% dos caribenhos que conheceu são evangélicos”, para ela, quase não se encontra haitianos em bailes e festas, dados que segundo a NIARA se confirmam em Concórdia, “são trabalhadores e nas horas de folga vão a igrejas ou conversam com a família no Haiti por meio de redes sociais, usando principalmente celular”, relatou o Sr. Ary.

São estas curiosidades da cultura haitiana, tão diferente e ao mesmo tempo tão semelhante a dos brasileiros, que se propõem um diálogo intercultural, para conhecer a cultura haitiana, sua música, culinária, seus arranjos familiares, suas festas, suas datas significativas e por intermédio do conhecimento criar políticas de acolhimento e combate ao preconceito, permitindo aos imigrantes conhecer também a cultura brasileira. As escolas tem importante papel nesse diálogo intercultural.

Como já havia citado, aconteceu neste mês de novembro a semana da Consciência Negra em Concórdia, como os haitianos fazem hoje parte deste grupo, foi explicado para eles o que seria esta semana da Consciência Negra. Quem fez esta breve explicação foi o Sr. Ary Barreiros presidente da Ong NIARA, que explicou que o dia da consciência negra é comemorado dia 20 de novembro em homenagem ao negro Zumbi dos Palmares, que morreu lutando pelos negros no Brasil, disse também que é uma data muito importante para os negros e pensando em uma forma de promover a cultura negra em Concórdia, a NIARA iria promover uma semana de programações voltadas a temas da cultura negra e queria contar com os haitianos, para mais uma vez proporcionar a população local à riqueza da cultura negra e também haitiana.

Foi neste contexto que fui convidada a compartilhar em uma roda de conversa com estudantes, um pouco deste estudo, principalmente fazendo uma linha do tempo entre a imigração alemã e italiana que não respeitou os povos originários da região, à maneira que estes mesmos recebem os novos imigrantes deste século, os haitianos e senegaleses. E a parte da cultura haitiana seria compartilhada pelos próprios imigrantes que falariam a respeito do Haiti, antes e após desastres naturais e o que motivou a migração daquele povo.

Ficou combinado que este encontro aconteceria no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, para alunos de diversos cursos técnicos no período noturno. Esta roda de conversa foi a convite desta instituição, que sempre abriu as portas para promover a interação de diferentes culturas, e dentro da Semana da Consciência Negra (programação em anexo C), no dia 17 de novembro

de 2016 este evento aconteceu.

Estavam presentes em torno de 120 estudantes, professores, membros da NIARA, grupo de capoeira da cidade e está professora que aqui escreve, confesso que nunca imaginei vivenciar um momento tão enriquecedor como aquele que vivi, naquela quinta feira, 17 de novembro de 2016.

Falar sobre as sensações que senti é difícil, pois, foi um misto de medo com expectativa, com ansiedade, com choro. Lembro-me de comentar com alguém que estava do meu lado: *“me coloca em uma sala cheia de crianças, que até rolo no chão, mas me coloca falar com adultos que começo a tremer e a minha barriga a doer”*, mas ao terminar aquela roda de conversa, a palavra que resumiu minha noite foi *gratidão*. Gratidão a estes imigrantes haitianos, por proporcionar a todos os presentes conhecerem uma cultura tão rica de diversidades com a haitiana, por cederam um pouco do tempo para relatar suas histórias a alguém que não conheciam, afinal, sem eles, esta pesquisa não teria significado.

Quem começou a falar com os estudantes foi o Sr. Ary, que abriu a roda de conversa fazendo um breve relato da luta dos negros no Brasil, e como muitas vezes é o negro é visto pela sociedade. *“tudo o que se refere ao negro é sempre usado como algo ruim. Se alguém na família apronta é ovelha negra, se tem um passado ruim é um passado negro”* desabafa Ary.

Após este momento comentou da importância de mais momentos como aquele, que os anos de humilhações, escravidão dos negros no Brasil, não poderiam ser esquecidos, temos que aprender com o passado para que essas práticas não se repitam e para construirmos uma cultura de acolhimento a diversidade, de respeito as diferenças, de busca por equidade. Nesse sentido a importância de políticas de ação afirmativa por através de políticas de discriminação positiva, contribuíram para mais igualdade de acesso a negros nas universidades e em outros espaços sociais. Sr. Ary, explicou aos estudantes a importância da política de cotas para os negros em Universidades, pois, mesmo após a abolição que ocorreu no século XIX, as oportunidades ao longo dos anos não foram as mesmas para a população negra e população branca, permanecendo a discriminação no acesso ao mercado de trabalho, a diferença de acesso e continuidade na escola, a desigualdade de renda entre as populações branca e negra. As universidades brasileiras, principalmente as públicas, eram um espelho dessa discriminação, pois as populações negras estavam pouco presentes em relação a proporção de negros na população brasileira, nesse

sentido a importância da política de cotas. Fez também uma fala sobre os povos originários da região oeste de Santa Catarina, lembrando os descendentes de imigrantes italianos, poloneses e alemães a quem realmente pertence estas terras.

Depois passou a palavra, para que eu pudesse falar um pouco sobre esta pesquisa, da minha leitura sobre a imigração do século XIX e a mais recente agora, a dos haitianos, no século XIX.

Compartilhei com os alunos, um breve relato sobre os povos originários da região oeste de Santa Catarina, assunto que já abordei no item 2 desta pesquisa, da colonização nada amigável entre italianos, alemães, índios e negros que viviam aqui. Tiveram suas terras roubadas, com o consentimento do governo que no século XIX queriam “branquear a população brasileira”, fazendo uma “colonização planejada”. (RENK, 1999). Tudo o que procurei fazer nesta roda de conversa foi lembrar aos estudantes em sua maioria com descendência europeia, que somos todos imigrantes em terras que não nos pertencem, porque Concórdia, e toda a região oeste pertenciam aos Índios Kaingang, (RENK, 1999).

Falei um pouco sobre os relatos de situações de preconceito vividas pelos haitianos, que já foram citadas anteriormente neste estudo, que o preconceito só existirá se permitirmos, se cada um fizer a sua parte, olhando para o outro com igualdade, entendendo que somos diferentes em cultura, mas que merecemos ser tratados com respeito, independente de cor, raça, classe social, nacionalidade, religião, enfim, qualquer item que possa ser usado para separar a sociedade em grupos.

O terceiro momento da roda de conversa era para acontecer com uma fala do haitiano Sauveur de 29 anos, que entende a língua portuguesa e consegue se comunicar bem com os brasileiros, mas, infelizmente não conseguiu comparecer por motivos de trabalho. Para fechar esta lacuna, eu juntamente com o Sr. Ary, organizamos diversas imagens retiradas da internet sobre o Haiti antes e após o terremoto de 2010.

Mesmo sendo pega de surpresa, porque não esperava que o Sauveur não comparecesse, comentei alguns dados sobre o Haiti, todos mencionados no item 2 desta pesquisa, falei principalmente de como um país que já foi a “menina dos olhos da França”(TAKASCHIMA, 2015), se tornou um dos países mais pobres da América Latina, mencionei as dificuldades que estes imigrantes estão tendo na socialização, e lembrei aos alunos que aquela roda de conversa era para conscientiza-los, para

que mudassem o olhar sobre o imigrante haitiano, que eles não estavam no Brasil para tomar os empregos dos brasileiros, que não foi opção vir para o Brasil, vieram por necessidade, porque o Haiti não está oferecia nenhuma condição de vida a sua população, por isso migravam, para reconstruírem suas vidas e ajudar as famílias no Haiti. Finalizei minha fala dizendo: que o imigrante haitiano não é digno de pena, são pessoas que querem respeito, serem tratados com dignidade, que mesmo com todas as adversidades sofridas são um povo que não perde a alegria e principalmente a esperança, e se um aluno ao menos saísse dali com outra visão sobre a migração haitiana, todo este estudo teria já teria valido a pena, porque meu objetivo com os relatos dos imigrantes haitianos é promover a interculturalidade e com isso mudar a maneira com que a população local vê estes imigrantes. Para finalizar, aconteceu uma roda de capoeira, também muito presente na cultura haitiana e africana.

Enfim, foi um momento único, onde culturas diferentes se chocaram para juntos encontrarem um ponto de equilíbrio, é este o objetivo deste estudo, proporcionar rodas de conversas em escolas, instituições, em todo e qualquer lugar que queira promover e valorizar as diferentes culturas, criando assim cidadãos mais conscientes, que respeitam as diferenças, acolhendo estes imigrantes, oportunizando a eles, as mesmas possibilidades de crescer em solo brasileiros que imigrantes alemães e italianos tiveram no século passado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o objetivo do trabalho que consiste em relatar as histórias de vida dos haitianos no município de Concórdia/SC, conclui-se que o fluxo imigratório para o Brasil a partir de 2010, possui uma estreita relação com as condições de vida no Haiti antes e após desastres naturais, mas também devido às oportunidades de emprego, pois vieram para o Brasil com intuito de trabalhar, trazer seus familiares que estão no Haiti e recomeçar suas vidas.

No caso exclusivo dos haitianos, a participação brasileira na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti – MINUSTAH e o reconhecimento internacional do momento economicamente favorável que se vivenciava em 2010, aparecem como elemento fundamental para a escolhas destes imigrantes pelo Brasil.

A maioria dos entrevistados escolheu a cidade de Concórdia para viver devido a alta procura de empresas frigoríficas da região pela mão-de-obra haitiana, mas fica claro que está procura já não está mais evidente, segundo relatos destes imigrantes, as empresas que contratavam em 2012 são as mesmas que estão fechando as portas para os haitianos, e os que ainda permanecem com vínculos empregatícios estão em atividades braçais, com pouca ou nenhuma oportunidade de crescimento, apontado pelos imigrantes como um dos motivos da rotatividade citada pelas empresas.

Observou-se ainda que, por mais que as empresas procurem sanar a dificuldade da língua, oportunizando aulas de português, uma das grandes barreiras para a inserção dos imigrantes estudados na sociedade local, acaba sendo o não domínio da língua portuguesa.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que o Brasil aceitou receber um grande número de haitianos, muito além de suas possibilidades, pecou em não criar uma política migratória mais coerente, que levasse em consideração os desafios que estes imigrantes encontraram e ainda encontram no processo da socialização, que acabaram deixando os haitianos em situações delicadas como o desemprego e o preconceito por parte da população. Neste sentido, Martini (2005) compreende que “os problemas acerca da imigração iniciam quando o aumento da população imigrante não é acompanhado pelo crescimento das oportunidades”.

Acredita-se necessário a participação dos próprios imigrantes nas decisões

e luta pelos seus interesses, pois observou-se que mesmo amparados pela Polícia Federal e Ministério Público, ficam a mercê das empresas que os contratam e da assistência social dos municípios que estão vivendo, quando necessitam de ajuda, são acolhidos pelas Organizações Não Governamentais, geralmente ligadas a cultura negra, como acontece em Concórdia, por isso, faz-se necessário uma organização formada apenas por haitianos como a que está sendo criada no município pesquisado, proporcionando a estes imigrantes a oportunidade de serem ouvidos e vistos.

A presença haitiana no oeste catarinense propõe um desafio ao registro histórico das imigrações em Santa Catarina: romper com a tradição de narrativas heroicas de supervalorização da imigração italiana e alemã, de um lado, e de outro o silêncio sobre a presença negra e indígena na região. O desafio está posto e este projeto de pesquisa se coloca ao lado do povo haitiano, resgatando a história do Haiti, valorizando as tradições de um povo e promovendo a interculturalidade entre diferentes grupos de imigrantes presentes na região.

O trabalho mostrou como os traços culturais influenciam nas relações de gênero no Haiti, fazendo com que as mulheres tenham pouca participação nos espaços públicos e associações, e limitou a participação delas à observadoras nesta pesquisa, enquanto os homens relatavam suas histórias.

Por fim, o trabalho expressa na inserção de homens haitianos na sociedade brasileira e se centrou na experiência de trabalhadores migrantes. As mulheres e as relações familiares e de gênero tão presente e abordados durante o curso de especialização em Gênero e Diversidade na Escola, podem ser objetivo de um outro trabalho que escapou ao escopo dessa pesquisa.

Os estudos aqui mencionados abrem um leque para novos trabalhos que tenham como objetivo conhecer as histórias de vida do imigrante haitiano. Fica evidente durante todo o processo de pesquisa, leitura, observação participante e questionários que serviram de dados para esta pesquisa, a riqueza cultural que está imigração nos proporciona, ademais, a nossa sociedade ainda não se deu conta da valorização e do ganho intercultural que está vivendo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. C. Conselho Nacional de Imigração (CNIg): **Políticas de Imigração e Proteção ao Trabalhador Migrante ou Refugiado**. In: **Instituto de Migrações e Direitos Humanos**. *Cadernos de debates: Refúgio, Migrações e Cidadania (2009)*. V.4, n.4. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2009.

ALVES, Alda Judith. **O Planejamento de Pesquisas Qualitativas em Educação**. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/1042-3913-1-PB%20(1).pdf. Acesso em 25 nov. 2016.

ARAGONÉS, A. M. (Org.). **Mercado de Trabajo y migración internacional. México: UNAN**, Instituto de Investigaciones Económicas, 2011.

ASSIS, Gláucia de O. **Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional**. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 15(3): 336, setembro-dezembro/2007.

ASSIS, Gláucia de O. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros**. Editora Mulheres, 2011

ASSIS, Gláucia de O.; MAGALHÃES, Luis F. **Migrantes Indesejados: a diáspora haitiana no Brasil e os desafios da política migratória** In: *Em busca do Eldorado: o Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais*. Sid. 1. Ed. Manaus: Editora Universidade de Manaus, 2016, v.1.p.2019-251.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. **Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária**. X Congresso de Educação Ambiental – EDUCERE. Pontifca Universidade Católica do Paraná/PUC-PR. Curitiba: 2011. Disponível em [http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398\\_2342.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf). Acesso em 12 out. 2016.

BERNARTT, Maria de Lourdes et al. **MOVIMENTO MIGRATÓRIO NO SUL DO BRASIL: O CASO DOS HAITIANOS NO OESTE CATARINENSE**. Anais-Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional, 2015. Disponível em: <http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/view/13398>. Acesso em 10 out. 2016.

BORDIGNON, Sandra. D. A. F., PIOVEZANA, Leonel. **Movimento Migratório no sul do Brasil: o caso dos haitianos na região oeste catarinense**. Disponível em: [http://www.rio2015.esocite.org/resources/anais/5/1440783279\\_ARQUIVO\\_MOVIMENTOMIGRATORIONOSULDOBRASIL.pdf](http://www.rio2015.esocite.org/resources/anais/5/1440783279_ARQUIVO_MOVIMENTOMIGRATORIONOSULDOBRASIL.pdf). Acesso em 10 out. 2016.

CONSELHO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO – CNI. **Ata da reunião extraordinária do CNI. Ministério do trabalho e emprego**. Disponível em <http://portal.mte.gov.br/data/files>. Acesso em 15 nov. 2016.

COTINGUIBA, M. L. P., & COTINGUIBA, G. C. (2015). **Imigração Haitiana para o Brasil: os desafios no caminho da educação escolar**. Revista Pedagógica, 16(33), 61-8.

COSTA, Pe. Gelmino A. **Haitianos em Manaus: dois anos de imigração – e agora!**. Travessia – Revista do Migrante, nº 70, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/550077-Travessia-Revista-do-Migrante-numero-70/>. Acesso em 15 nov. 2016.

DAL MAGRO, Márcia L. Pit. **Entre a saúde e a norma: a atenção à saúde dos trabalhadores das agroindústrias do oeste de Santa Catarina**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/99230/308744.pdf?sequence=1>. Acesso em 23 nov. 2016.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Para uma história dos índios do Oeste Catarinense**. Cadernos do Ceom. Chapecó – SC, v6, p. 1-91, 1989.

FERNANDES, Jéssica. **Operação Haiti: ação humanitária ou interesse político para o Brasil?**. Conjuntura internacional. nº 22. PUC Minas. 2010.

FONTANA, Attilio. **História da Minha Vida** / Attilio Fontana; [prefácio de Neylor José Tonin] ; [posfácio de Jorge Doce]. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Tolfo S. **Métodos de Pesquisa**. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/abordagemqualitativa.pdf>. Acesso em 02 nov. 2016.

GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GODOY, Arilda S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/38200-76053-1-PB.pdf>. Acesso em 05 nov. 2016.

GOULART, Sabrina da Silva. **Terras Indígenas no Oeste Catarinense: uma questão histórica**. 2010. Disponível em <http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/viewFile/137/155>. Acesso em 12 out. 2016.

GRONDIN, Marcelo. **Haiti: Cultura, poder e desenvolvimento**. Coleção Tudo é História, nº 104. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985. 106p.

HANDERSON, Joseph. **Vodu no Haiti – Candomblé no Brasil : identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo Afro-Latino-Americano**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas, 2010.

HOFBAUER, Andreas. **Branqueamento e Democracia racial: sobre as entranhas do racismo no Brasil**. 2011. Disponível em:

[https://andreashofbauer.files.wordpress.com/2011/08/branqueamento-e-democracia-racial\\_finalc3adssima\\_2011.pdf](https://andreashofbauer.files.wordpress.com/2011/08/branqueamento-e-democracia-racial_finalc3adssima_2011.pdf). Acesso em 26 nov. 2016.

HOFBAUER, Andreas. **O CONCEITO DE “RAÇA” E O IDEÁRIO DO “BRANQUEAMENTO” NO SÉCULO XIX** – Bases ideológicas do Racismo Brasileiro. *Teoria da Pesquisa*; 2003. p. 42 e 43. Disponível em: <http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/57/47>. Acesso em 26 nov. 2016.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2003.

MAGALHÃES, Luis Felipe Aires. **O Haiti é Aqui: Sub Imperialismo Brasileiro e Imigrantes Haitianos em Santa Catarina-SC**. *REBELA-Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos* 5.1 (2015). Disponível em: <https://rebela.emnuvens.com.br/pc/article/viewFile/218/554>. Acesso em 16 out. 2016.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. **O Haiti é aqui: primeiros apontamentos sobre os imigrantes haitianos em Balneário Camboriú–Santa Catarina–Brasil**. *PerCursos* 15.28 (2014): 223-256. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724215282014223>. Acesso em 10 out. 2016.

MAGNANI, José Guilherme. **Etnografia como prática e experiência**. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MAGRO, Marcia L. P. Dal; RISSON Ana Paula. **Reflexões acerca da chegada de imigrantes haitianos no oeste de Santa Catarina e sua inserção no mercado de trabalho da região**. Disponível em: <https://laemiceppac.files.wordpress.com/2015/07/artigo-a-risson.pdf>. Acesso em 02 nov. 2016.

MARTIORI, Taciane; BISSANI, Niloar. **Perfil dos trabalhadores haitianos em uma agroindústria do município de Chapecó – SC**. Disponível em: <http://www.uceff.edu.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/138/131>. Acesso em 08 nov. 2016.

MARTINI, George. **A globalização inacabada migrações internacionais e pobreza do século 21**. *São Paulo Perspectivas*, vol. 19 nº.3. São Paulo: set., 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392005000300001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000300001). Acesso em 22 nov. 2016.

MARTINS, Gilberto de A.; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, José. S. **O voo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil**. CENEP: Ciudad Pispal, 1984.

MENDONÇA, Heloisa. Desemprego no Brasil atinge recorde e deve continuar subindo. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/economia/1469802574\\_842001.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/economia/1469802574_842001.html)>. Acesso em 25 nov. 2016.

MORAES, Isaias A.; ANDRADE, Carlos. A. A.; MATOS, Beatriz. R. B. **A imigração Haitiana para o Brasil: Causas e desafios**. Revista Conjuntura Austral. Nº20, out. – nov. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/35798-174329-1-PB%20(1).pdf>. Acesso em 15 out. 2016.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA MIGRAÇÕES (OIM). **Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral. Relatório de pesquisa. Belo Horizonte, 2014.** Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/RELATORIO\_PESQUISA\_HAITIANOS\_versao\_final\_27-04-14-2.pdf>. Acesso em 12 out. 2016.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA MIGRAÇÃO - OIM. World Migration 2010. Disponível em: <http://www.iom.int/cms/fr/sites/iom/home/about-migration/world-migration.html>. Acesso em 15 de nov. de 2016.

PIOVEZANA, Leonel. **Território Kaingang na Mesorregião Grande Fronteira do Mercosul – Território em Confronto**. Tese de Doutorado. Santa Cruz do Sul/Rs. Universidade de Santa Cruz/Unisc. 2010.

PRONI, Marcelo W. **O debate sobre a tendência ao pleno emprego no Brasil**. Revista Economia e Tecnologia (RET). v.8. N. 2, p. 23-50, 2012. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/35798-174329-1-PB%20(1).pdf. Acesso em 02 nov. 2016.

RENK, Arlene. **Migrações: de ontem e hoje**. Chapecó: Grifos, 88p. 1999.

ROCHA, Ana Luiza C.; ECKERT, Cornelia. **Etnografia: saberes e práticas**. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/9301-29599-1-PB.pdf>. Acesso em 20 out. 2016.

SALADINI, Ana Paula S. **Trabalho e imigração: os direitos sociais do trabalhador imigrante sobre a perspectiva dos direitos fundamentais**. Jacarezinho, 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência Jurídica). Programa de Mestrado em Ciência Jurídica, Universidade Estadual do Norte do Paraná. Disponível em: <http://www.uenp.edu.br/pos-direito-teses-dissertacoes-defendidas/direito-dissertacoes/1964-ana-paula-sefrin-saladini/file>. Acesso em 02 nov. 2016.

SEGOVIA HERRERA, M. **Risco e segurança do trabalho desde o ponto de vista de um grupo de trabalhadores de uma agência de distribuição de energia elétrica**. In: ENCONTRO INTERAMERICANO DE PESQUISA QUALITATIVA EM ENFERMAGEM, I. São Paulo. Trabalhos. São Paulo: Escola de Enfermagem da

Universidade de São Paulo/ Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, 1988. p. 63-9.

SILVA, Sidney Antonio da.; ASSIS, Glaucia O. **Em busca do Eldorado: o Brasil no contexto das Migrações Internacionais**. Manaus; Editora Universidade Federal do Amazonas, 2016, p. 237. Brasil Plural, 2015.

SPAUTZ, Dagmara. **Imigrantes deixam Santa Catarina para fugir da crise econômica**. Disponível em: <http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2016/08/imigrantes-deixam-santa-catarina-para-fugir-da-crise-economica-7296176.html>. Acesso em 26 nov. 2016.

SPOSITO, Eliseu S.; BOMTEMPO, Denise C.; SOUSA, Adriano A. (Orgs.). **Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 304p.

STRAUSS, Anselm L.; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TAKASCHIMA, Aline V. K. **Travessia: História dos imigrantes haitianos em Santa Catarina**. (2015). Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/156901>. Acesso em 12 out. 2016.

THOMSON, Alistair. **Histórias (co) movedoras: História Oral e Estudo de Migração**. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/Alistair%20Thomson%20-%20Hist%C3%B3rias%20\(co\)movedoras.pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/Alistair%20Thomson%20-%20Hist%C3%B3rias%20(co)movedoras.pdf). Acesso em 09 nov. 2016.

VELASCO, Clara; MANTOVANI, Flávia. **Em 10 anos o número de imigrantes aumenta 160% no Brasil, segundo PF**. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>. Acesso em 02 nov. 2016.

VINENTE, Fabiana. **Dos Ideais as Práticas: Os haitianos e o desafio da inclusão dos migrantes internacionais nas políticas do sistema de saúde brasileiro**. 2015.



---

---

---

---

---

---

---

---

4. Quais as dificuldades encontradas na cidade? Como você se sente morando aqui?

---

---

---

---

---

---

---

---

5. Já sofreu algum tipo de preconceito por ser um imigrante Haitiano na cidade? Como lida com isso?

---

---

---

---

---

---

---

---

6. Se já sofreu algum preconceito acha que foi porque é imigrante ou por raça/cor ou etnia?

---

---

---

---

---

---

---

---

7. Do que mais sente falta? Quais são seus planos aqui no Brasil?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

8. Se sente valorizado onde trabalha? Tem possibilidade de crescimento? Sente que tem as mesmas chances dos outros funcionários?

---

---

---

---

---

---

---

---

9. Existe um grupo de Haitianos em Concórdia? Como funciona? Vocês tem apoio dos governos?

---

---

---

---

---

9. Use esse espaço para contar algo que queira. Algo bom ou ruim que tenha acontecido com você desde que saiu do Haiti. Pode também falar se tem algum sonho que queira realizar ainda, se pretende ficar morando aqui, trazer o restante da família. Enfim, fique a vontade para escrever o que quiser.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Obrigada por participar.

## ANEXOS

ANEXO A – Parada de ônibus em Concórdia pichada com palavras de ódio e racismo



Fonte Radio Catarinense (2016)

ANEXO B – Integração entre haitianos e movimento negro de Concórdia



Fotos acervo pessoal do Sr. Ary Barreiros

## ANEXO C – Programação da Semana da Consciência Negra em Concórdia

